

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ALESSANDRA ABREU LOUBACK

**A ATIVIDADE DE COLETA DE LIXO NA PERSPECTIVA DA CLÍNICA DA
ATIVIDADE**

MESTRADO EM PSICOLOGIA

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Claudia Osório da Silva

NITERÓI

2013

ALESSANDRA ABREU LOUBACK

A ATIVIDADE DE COLETA DE LIXO NA PERSPECTIVA DA CLÍNICA DA
ATIVIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orietador (a): Prof.^a Dr.^a. Claudia Osório da Silva

NITERÓI

2013

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

L886 Louback, Alessandra Abreu.

A atividade de coleta de lixo na perspectiva da clínica da atividade / Alessandra Abreu Louback. – 2013.

107 f. : il.

Orientadora: Claudia Osório da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2013.

Bibliografia: f. 97.

1. Qualidade de vida no trabalho. 2. Saúde do trabalhador.
3. Ginástica laboral. 4. Catador de lixo. I. Silva, Claudia Osório da.
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e
Filosofia. III. Título.

CDD 158.7

ALESSANDRA ABREU LOUBACK

A ATIVIDADE DE COLETA DE LIXO NA PERSPECTIVA DA CLÍNICA DA
ATIVIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orietador (a): Prof.^a Dr.^a. Claudia Osório da Silva

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Claudia Osório da Silva

Orientadora

Prof. Marcelo Figueiredo

Universidade Federal Fluminense

Prof.^a. Leny Sato

Universidade de São Paulo

Agradecimentos

Sem dúvida, essa foi a parte de maior dificuldade na finalização desse estudo. Quantas pessoas envolvidas, direta e indiretamente para a realização da dissertação. Pensar em todos aqueles que me acompanharam e participaram de uma forma ou outra, sem é claro esquecer de mencioná-los, é um grande trabalho de memória. Por isso, começo pelos que me acolheram, incentivaram e orientaram nessa caminhada.

Primeiramente gostaria de agradecer a minha amiga Anne Louise, psicóloga formada pela UFF que orientou meus passos para a escolha de uma pós-graduação na qual eu pudesse desenvolver uma linha de estudo ainda nebulosa para mim, e que me levou ao encontro do Professor Hélder Muniz. Com sua paciência e carinho leu meu trabalho sobre os coletores de lixo e me apresentou a minha orientadora Cláudia Osório.

Meu profundo agradecimento a minha orientadora, por acreditar nesse trabalho, pelo seu envolvimento em todos os sentidos nas etapas de construção da dissertação, da pesquisa de campo e por dividir comigo o caminhar desse processo de investigação quanto ao trabalho dos coletores de lixo. Agradeço aos colegas do NUTRAS, grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Intervenções em Trabalho, Subjetividade e Saúde, pela paciência e trocas efetuadas ao longo dos nossos encontros. Em especial, à amiga do grupo de pesquisa, da turma de mestrado, Emanuelle, por ter acreditado e participado de forma intensa nas pesquisas de campo e ter se deixado envolver por esse grupo que tanto me cativou e cativa, que são os trabalhadores da coleta.

Agradeço à turma de mestrado, pelo acolhimento, pelas leituras e comentários realizados ao longo do curso, que foram muito importantes para fazer pensar na construção da dissertação. Em especial para Leonardo, que seus comentários enriqueceram por demais meu trabalho.

Agradeço a minha família, que é pequena, mas enorme em carinho e amor. Ao meu companheiro de todas as horas, Gabriel Caldas, por ter sido o grande motivador, apoiador e incentivador da pesquisa. Por estar ao meu lado e abdicar do nosso tempo livre para que assim eu pudesse me dedicar à escrita. Aos meus filhos, Joaquim e Tiago, pela compreensão das ausências nos finais de semana juntos. A minha irmã querida, Mônica, por estar sempre ao meu lado, sendo sempre mais que irmã, mais que amiga. Ao meu cunhado Felipe por ser torcedor do meu trabalho. Ao meu sogro,

Airton Caldas, grande motivador e debatedor dos assuntos mais polêmicos. A minha cunhada Bárbara pelo seu carinho. Agradeço a todos os meus amigos, Fernada, Ilan, Viviane, por serem mais que amigos. A Tia Léa, pelo carinho na leitura.

Agradeço a minha mãe, que por mais que não esteja presente ao nosso lado, sei que me apoia me olha, me guia. E o quanto seria importante para ela esse momento, você esteve presente em todo o momento dessa escrita.

Em especial, à equipe maravilhosa da coleta de lixo, à Econit, por ao longo desses anos acreditar no meu trabalho e com isso permitir que intervenções como essas possam ser realizadas. A todos os coletores de lixo e motorista que participaram da pesquisa, aos encarregados, aos Técnicos de Segurança do Trabalho, pelo envolvimento, dedicação e apoio.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo estudar os sentidos que o trabalho pode assumir para os coletores de lixo. Os trabalhadores que exercem seu ofício em retirar, descartar, limpar, coletar o lixo são reconhecidos pela importância do seu trabalho apenas quando o mesmo não é coletado, sendo o seu reconhecimento dado pelo não fazer. Esse objeto de trabalho que é visto socialmente como o descartável, o não usável, o excluído. Será que esses sentidos atribuídos a este objeto de trabalho trazem para os trabalhadores alguma ressonância? A coleta de lixo domiciliar e comercial envolve atividade que requer grande esforço físico, a repetição contínua dos movimentos. A grande sobrecarga imposta durante a jornada de trabalho leva a um desgaste físico e psíquico significativo, promovendo uma diminuição da qualidade de vida e um aumento da quantidade de trabalhadores ausentes no dia-a-dia do seu trabalho. Devido a uma reformulação do Setor de Saúde e Segurança no Trabalho da empresa coletora de lixo, com o propósito de reduzir os índices de afastamento por lesões musculares, foi contratada, pela empresa, uma consultoria em qualidade de vida no trabalho, à qual foi demandado um Programa de Ginástica Laboral. Dando continuidade às atividades já tradicionais nesse tipo de programa, foi proposta uma pesquisa-intervenção com base teórico-metodológica da Clínica da Atividade. Essa metodologia faz com que os trabalhadores em questão se ponham imersos na atividade de observação e interpretação da sua situação de trabalho em colaboração com seus pares, através do método conhecido como Oficina de Fotos (Osório 2007). Na Oficina de Fotos os próprios trabalhadores utilizam-se dos recursos fotográficos para registrarem imagens de situações do trabalho. Utilizamos as análises das fotos como forma de identificar e desenvolver os sentidos produzidos na atividade de trabalho dos coletores de lixo. O recurso fotográfico funciona como mediador do debate acerca das situações cotidianas e disparador das controvérsias de trabalho, podendo também ser apontado como “um processo de construção de visibilidade” (Sato 2009, p.217). O deslocar de olhares introduzido pelo do método desloca os olhares por alguns instantes, como se aquele que figura na fotografia à sua frente não fosse ele mesmo. Através do registro da sua própria atividade e dos seus pares desloca-se esse olhar para a realização da atividade. O trabalhador se coloca em outra posição, como sendo o protagonista da ação, da atividade, e detentor do saber-fazer. A intervenção mostra que o desenvolvimento do poder de agir dos trabalhadores pode influenciar a situação de trabalho e a eles próprios, através do desenvolvimento de suas ações. Com a Oficina de Fotos na coleta notamos a ampliação da cooperação entre os trabalhadores de uma mesma equipe, o que contribuiu para a redução dos acidentes de trabalho e dos afastamentos por lesões.

Palavras-Chave: Clínica da Atividade; Oficina de Fotos; Lixo.

ABSTRACT

This work aims to study the way that work can take to the garbage. Workers who exercising their craft to remove, dispose, clean, collect the garbage are recognized the importance of their work only when it is not collected, and recognition is given by do. This work object that is socially seen as disposable, non usable, the outcast. Do these meanings attributed to this object work for workers bring some resonance? Garbage collection involves activity that requires great physical effort, the constant repetition of movements. The large overhead imposed during the workday leads to a significant physical and psychological, promoting a decrease in quality of life and an increased number of workers absent on the day-to-day of their work. Due to a reformulation of the Department of Health and Safety at Work Company collecting garbage, in order to reduce the rate of removal by muscle injuries, was hired by the company, a consultancy in quality of life at work, which was sued a program of Gymnastics. Continuing the activities already traditional in this type of program has been proposed intervention research with theoretical and methodological basis of the Clinic of Activity. This methodology makes the workers concerned are put immersed in the activity of observation and interpretation of their work situation in collaboration with their peers, through the method known as Photographic Workshop (Osorio 2010). The Photographic Workshop, workers themselves are used to record photographic resources pictures work situations. We use the analysis of the photos as a way to identify and develop the meanings produced in the work activity of the garbage collectors. The feature photographic works as a mediator of the debate about the everyday situations of controversies and trigger work, and can also be appointed as " a process of building visibility " (Sato , 2009, p.217) . The move looks to the method introduced by moving the eyes for a few moments, as if that contained the photograph on the front was not himself. By recording your own activity and peer moves that look for that activity. The worker is placed in another position, as the protagonist of the action, activity, and holder of the know-how. The intervention shows that the development of workers' power to act can influence the work situation and themselves, through the development of their actions. With the Photographic Workshop in the collection notice the expansion of cooperation between workers of the same team, this contributed to the reduction of occupational accidents and absenteeism by injuries.

Keywords: Activity Clinic; Photographic Workshop; Garbage.

SUMÁRIO

Apresentação	9
Capítulo 1 - Lixo e os trabalhadores do lixo	15
1.1 – Restos, sobras, dejetos	15
1.2 – Os trabalhadores do lixo	15
1.3 – O lixo no Brasil	20
1.4 – Os sentidos no e com o lixo	24
Capítulo 2 – Saúde e os Programas de Qualidade de Vida no Trabalho	28
2.1 – Pensar em saúde	29
2.2 – Programas de Qualidade de Vida no Trabalho	31
2.3 – A Ginástica Laboral	35
Capítulo 3 – Organização do Trabalho na coleta de lixo	41
3.1 – A cidade de Niterói e as normas técnicas e administrativas da coleta de lixo....	41
3.2 – Organização do trabalho da coleta de lixo.....	46
3.3 – A Organização do trabalho e o Programa de Ginástica Laboral.....	52
Capítulo 4 – Clínica da Atividade e a Oficina de Fotos como instrumento de diálogo	55
4.1 – Forma de Intervenção - Oficina de Fotos como instrumento de diálogo	56
4.2 – Oficina de Fotos – A preparação da intervenção	58
4.3 – Reconhecer-se em algo	62
4.4 – Fotos como dispositivo de análise	67
4.4.a – Subindo e descendo ladeiras	67
4.4.b – A rua antes e depois do trabalho feito	72
4.4.c – A segurança pelos olhos do coletor	74
4.4.d – Estratégias de coletores e moradores	78
4.4.e – Amigos ou inimigos?.....	79
4.4.f – “Coleta seletiva”	82
4.4.g – Bater o galão	84
4.4.h – Qual o tamanho da lixeira?	85
4.4.i – Prática.....	87
4.4.j – Catacrese – inventivos de trabalho.....	88
4.4.l – O dia a dia de todos nós	90

4.4.m – Mural.....	90
4.4.n – Semana Interna de Prevenção de Acidentes.....	92
Considerações Finais	93
Bibliografia	96
Anexo 1 – Criação dos dados	102
Anexo 2 – A arte de perceber	104

APRESENTAÇÃO

Neste estudo nos interessam os sentidos do trabalho para o coletor de lixo: como o encontro entre o corpo dos coletores de lixo e o lixo produz sentidos nessa atividade e sua relação com seu objeto de trabalho: o lixo. Interessa-nos também pensar como os significados e sentidos atribuídos a esse trabalhador ao longo da história e nos dias atuais podem afetá-lo.

Iniciei minha vida profissional, ainda como estagiária do curso de Educação Física, em Programas de Qualidade de Vida em empresas, passando por diversas organizações, de pequeno a grande porte, levando a prática da cultura física como solução à prevenção de doenças osteo-musculares como lesões musculares e articulares.

Mas foi com o grupo de coletores de lixo que a questão do conhecimento do corpo como produção de subjetividade, de outros modos de ser fez, em mim, surgirem algumas inquietações.

Devido a uma reformulação do Setor de Saúde e Segurança no Trabalho da empresa coletora de lixo domiciliar e comercial de Niterói, com o propósito de reduzir os índices de afastamento por lesões musculares, fui solicitada a implantar nesta empresa um programa de Ginástica Laboral. A ginástica, nessa modalidade, é uma atividade exercida no próprio ambiente de trabalho, com curta duração, de 10 a 15 minutos, com caráter preventivo de forma a compensar as estruturas corporais mais utilizadas no dia-a-dia de trabalho. A elaboração dos exercícios físicos específicos para cada grupo de trabalhadores é feita a partir da análise ergonômica do posto de trabalho e dos movimentos observados durante a jornada de trabalho.

Deparei-me com uma situação nova. Seriam 204 homens divididos em dois turnos. Passei a pensar em toda carga de significados que são atribuídos à atividade de coletar lixo.

Para minha surpresa, a implantação da Ginástica Laboral foi bem diferente daquilo que imaginei: a participação foi efetiva devido à compreensão dos coletores de lixo da real necessidade em “se preparar” para o trabalho.

O grupo de coletores de lixo na cidade estudada é formado por homens com idades que variam de 19 a 60 anos.

Logo no primeiro dia de contato direto com eles fui surpreendida: pela necessidade em exteriorizar aquilo que parecia ser o que havia de mais perturbador,

para eles, em seu trabalho. O assunto pode ser sintetizado na frase dita por um deles no nosso primeiro encontro, *“professora nós somos invisíveis na rua.”*. Naquele momento tentei puxar em minha memória a imagem dessas pessoas coletando meu próprio lixo, e, para minha surpresa, não recordava, apenas lembrava a existência deles no momento em que o odor do caminhão era sentido. Este relato, ou desabafo, desse coletor, levou que outros começassem a relatar como as pessoas evitam um contato mais próximo deles durante a jornada de trabalho. Outro coletor relatou, *“uma vez coletando o lixo em uma casa, pedimos água para uma senhora, ela trouxe no copo de vidro, quando devolvi, ela falou – não precisa devolver, pode jogar fora”*.

Outro coletor que participava da conversa completou, *“professora nós trabalhamos com lixo, mas somos limpos”*.

Nesse primeiro momento, a percepção que tive durante as aulas de Ginástica Laboral foi a dificuldade existente nestes corpos sobrecarregados com jornadas de trabalho que às vezes se estendem por mais de 10 horas, com o levantamento de sacos, galões com lixo com peso excessivo, mas também supercarregados de experiências, de histórias, dos encontros com o lixo.

A partir das atividades propostas no programa de Ginástica Laboral (atividades como exercícios em dupla e atividades lúdicas em grupo) busquei romper algumas barreiras existentes nesse grupo, tais como a restrição ao toque ou a realizar trabalhos em dupla. Posso dizer que, nesse tempo em que atuei com eles alcançamos – tanto eu como os coletores - um ganho a partir das vivências corporais das aulas, com as trocas efetuadas entre os trabalhadores, agregamos mais sentido na relação com o outro e na relação do trabalho com o outro.

Pensando nos desgastes que sofreram e na invisibilidade social, buscamos o que tem sido escrito sobre essa ocupação.¹

A coleta de lixo domiciliar e comercial envolve uma tarefa que requer grande esforço físico, na qual o coletor de lixo anda, corre, sobe e desce ladeiras, além de levantar e transportar latões, latas e caçambas que variam de 50 l a 1050 litros (Robazzi, 1991). A repetição contínua dos movimentos e a grande sobrecarga física imposta durante a jornada de trabalho levam a um desgaste físico significativo, produzindo uma grande quantidade de trabalhadores ausentes no dia-a-dia do seu

¹ Foi usada a primeira pessoa do singular nas passagens em que foi apresentado o meu percurso como profissional de Educação Física, sem que o coletivo de pesquisa em que essa Dissertação foi desenvolvida tenha sido participante ativo. No restante do texto, sua maior parte, o uso da primeira pessoa do plural reconhece a participação deste coletivo.

trabalho. O desgaste físico decorre em parte do número excessivo de horas trabalhadas sem pausas, levando muitas vezes esse corpo a exaustão.

Procuramos em diversos trabalhos, teses, dissertações, artigos enfim tudo onde há a possibilidade de pensar nesse ofício. Quem ao longo dos anos teve como incumbência coletar o lixo? Como eles eram vistos pela população ao realizar esse ofício? E, sem dúvida, o que significa lixo? O que significa lixo para aquele que o descarta e para aquele que o coleta? Buscamos contextualizar o momento na história em que o lixo passa a ser concebido como excluído. E, além disso, identificar o que era considerado lixo e o que hoje é lixo. Encontramos informações sobre lixo e sobre os responsáveis pela coleta em documentos relacionados à urbanização: o lixo vinculado a questões higienista com relação à purificação e à ordem social. Parte dos relatos remete ao final da Idade Média com surgimento das cidades, porém há relatos quanto à organização das cidades e dos espaços públicos na Antiguidade que chamam a atenção para a preocupação quanto aos dejetos e ao lixo. Encontramos, também, o lixo movendo-se nos sentidos humanos, ora perpassando pelo tato ora pela visão e chegando àquele que Corbain (1987) coloca como o sentido pobre, o excluído: o olfato.

Para tentar compreender o sentido do trabalho com o lixo, dividimos esse estudo em quatro capítulos:

No primeiro - “Lixo e os trabalhadores do lixo” - vamos compor, a partir da leitura de alguns historiadores, o significado e o sentido do lixo nos diferentes períodos da história. Colocando em evidência aquele que realizava a tarefa de coletar o lixo e como, ao longo dos tempos, o lixo é percebido de forma sensorial, expondo-se a todos os nossos sentidos como: visão, tato e, principalmente, olfato. Poderemos notar, neste capítulo, as mudanças no sentido e significado em relação ao lixo. Nas cidades da Idade Média, o tratamento do que hoje nós chamamos de lixo não apresentava os cuidados que hoje nos são passados, passando pelo higienismo e chegando à cidade sustentável de hoje. Com isso, temos na história diversos significados atribuídos ao lixo.

No segundo capítulo abordamos os conceitos de saúde e Promoção da Saúde. Esses são tópicos que permeiam os Programas de Qualidade de Vida no Trabalho (PQVT) comumente realizados nas organizações. Apresentamos nesse capítulo o programa de Ginástica Laboral orientado por mim na empresa de coleta de lixo que se constitui em campo empírico dessa pesquisa-intervenção.

Pensamos os PQVTs como mobilizadores do corpo dos trabalhadores. Corpo esse passível sofrendor de ações e técnicas de poder presente nas instituições e nas tarefas.

Pode-se dizer, tomando como referência o corpo dos coletores de lixo, carregado de histórias e vivências, que esse se vê compelido a sofrer modificações de um poder soberano, com sutis técnicas de poder disciplinar. Essa disciplina vem tornar o corpo mais eficiente, mais dócil Mendes (2006). O corpo deve cumprir seu papel, atrelado a certas formas de atuação, a mecanismos de controle, a formas “econômicas” de usá-los e pensá-los. “O corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (Foucault, 2007, p. 28). Isso reflete a intenção do corpo para o trabalho da coleta de lixo. Esse corpo que sofre a tecnologia do poder sofre exercendo, por muitas vezes, jornadas de trabalho de mais de 12 horas por dia, sempre em busca de maior produtividade, maior recolhimento de lixo, sem que haja aumento no quadro efetivo de trabalhadores. A atividade do trabalhador não é uma reação, ela é uma espécie de filtro subjetivo que proporciona um sentido para a vida do sujeito diferente daqueles que lhe depositam as atividades de concepção.

Como pensar na realização desse encontro, o encontro entre o corpo do coletor de lixo e seu objeto de trabalho: o lixo? O corpo é nosso instrumento primordial para a apreensão do mundo, “ter um corpo é aprender a ser afetado” (Latour, 2007, p. 41). Acompanhando Latour (2007), “não faz sentido definir o corpo diretamente, só faz sentido sensibilizá-lo...” (p. 40).

Conforme Vygotsky (1996, citado por Maheirie, 2002), cada indivíduo é único, portador de vivências pessoais únicas, considerando que nele se revelam as diversidades de suas relações sociais. A constituição do ser humano só é possível pelo “caminho” do corpo. O corpo, segundo Maheirie (2002), seria um “arcabouço” para os processos de subjetivação. O sujeito é uma invenção pautada em discursos e relações de poder-saber, onde o corpo como objeto das relações de poder-saber se constitui de atitudes corporais como parte da formação do sujeito.

O terceiro capítulo traz informações referentes à organização do trabalho da coleta de lixo, e, para isso, foi necessário obter informações relevantes quanto à cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, onde foi realizado o estudo que agora passa a ser apresentado. Levando em conta sua situação demográfica, sua economia, refletimos quanto ao consumo e descarte de lixo. Para que, assim, possamos compreender melhor a organização do trabalho da coleta de lixo,

No quarto capítulo, apresentamos a metodologia do estudo, que tem como fundamento a Clínica da Atividade. Uma metodologia que busca dar visibilidade à dimensão subjetiva da atividade, “como também engajar os trabalhadores neste movimento de pesquisa do seu próprio trabalho, por entenderem que toda intervenção na atividade é ao mesmo tempo produção de subjetividade.” (Osório & Maia, 2010, p. 50).

A Clínica da Atividade privilegia a mediação da linguagem e dos outros para a (re) construção das regras da profissão valorizadas pelos seus profissionais. É na (re) construção deste gênero profissional que os trabalhadores encontram os constrangimentos que devem gerir, mas também recursos para a sua própria ação (Santos, 2006).

Na Clínica da Atividade, trabalho e subjetividade não estão necessariamente relacionados ao sofrimento no trabalho, mas sim à capacidade do trabalhador de produzir novos meios e formas de trabalho. Tendo como “concepção de trabalho um processo coletivo e singular de criação e recriação da história de um ofício, e da atividade de trabalho como processo de produção não só de coisas ou serviços, mas também de subjetividades”. (Osório 2007, p. 02)

Ainda neste capítulo, apresentamos, como método de intervenção para co-análise do trabalho dos coletores de lixo, a Oficina de Fotos. Na Oficina de Fotos, os trabalhadores produzem fotografias de situações do seu trabalho a serem analisadas pelo próprio trabalhador e pelo grupo participante da oficina, de maneira a provocar o diálogo produzindo um novo olhar sobre a atividade. A Oficina de Fotos é “um dispositivo potente de uso da experiência como fonte de novas experiências” (Osório & Maia 2010, p.46) ampliando o poder-saber tanto do pesquisado como do pesquisador.

CAPÍTULO 1 – O Lixo e os trabalhadores do lixo

1.1- Restos, sobras, dejetos.

“O homem medieval está no homem contemporâneo”

Rodrigues (1999, p.29)

Antes de identificarmos aquele que era o responsável pela coleta dos resíduos é preciso pensar a definição de lixo, o que era lixo e o que hoje é lixo. Acreditamos ser importante identificar o momento em que os restos, as sobras, os dejetos adquiriram importância na sensibilidade humana para pensar o que é hoje trabalhar com o lixo.

O que significava, em outros tempos, para o próprio trabalhador e para aqueles que o cercam, o contato ou o encontro com o lixo? Como era a relação dos homens com o lixo e como isso afetou e afeta seus sentidos?

Para fazer essa discussão é importante trazer à tona uma época ainda presente: “... uma Idade Média que transbordou e ultrapassou em muito os limites fixados pelas datações oficiais, **um medieval que permaneceu e permanece**, constituindo uma espécie de subsolo presente e atuante em nossa cultura contemporânea.”. (Rodrigues, 1999, p.29)

Nas experiências de acompanhar e observar o trabalho atual dos coletores nos deparamos com cenas que parecem deslocadas de outras épocas.

Em uma manhã bem cedo, onde poucos ainda despertaram, estava eu à frente da empresa de coleta de lixo, depois de mais um dia de trabalho, a espera do transporte para casa. A empresa fica localizada em uma rodovia intermunicipal que liga o Niterói a São Gonçalo, afastada do centro urbano. Ao longo da rodovia existem habitações precárias, casas amontadas umas sobre as outras. Lembro que era uma manhã bem fria com o sol ainda bem fraco, aguardando o ônibus comecei a observar o que estava atrás de mim. Essas casas, um pequeno rio, que acabou por se tornar um esgoto a céu aberto que acompanha a rodovia separando a mesma das casas. Deparei-me observando em especial uma casa, de tijolos aparentes com dois andares. No andar superior havia uma área aberta como um terraço, quando de repente uma senhora calmamente abre a porta e empunhando um vasilhame aproxima-se da sacada e lança o conteúdo deste vasilhame para baixo, caindo exatamente embaixo da janela do primeiro pavimento. E ali ficou. À espera da chuva para levar esses restos sabe lá pra onde.

(Anotação do Diário de Campo, feita em 2007)

Na verdade sabemos bem onde esse lixo se acumula e os efeitos desse ato. Mas hoje, ao recordar esse momento e dando continuidade à citação de José Carlos

Rodrigues (1999), concordamos que nesses atos o homem medieval permanece no homem contemporâneo.

Na Idade Média, o lixo era constituído principalmente por esses dejetos: resíduos produzidos pelo corpo do homem, restos de animais que não foram utilizados na alimentação e materiais orgânicos como cascas de frutas e alimentos.

1.2 - Os trabalhadores do lixo

A noite cai, passos pesados são ouvidos, carregados de lama e imundices, passos incertos e escorregadios. A pouca luz das ruas confirma a incerteza dos movimentos guiados pela repetição contínua dos becos. O negro caminha para seu trabalho munido apenas de folhas de bananeiras a sua frente o cabungo, vasilhame, velho, abarrotado de excrementos que é levado à cabeça do escravo que para minimizar o contato com os excrementos utiliza como proteção entre sua cabeça e o fundo podre do cabungo folhas de bananeiras. Inicia-se sua jornada diária mas, seu grande temor acontece, o fundo do já podre cabungo não resiste e se rompe, nesse momento o barulho das janelas se fechando, de algum transeunte a desviar seu caminho, risadas estridentes dos outros escravos. As folhas de bananeiras não foram capazes de suportar e o corpo permanece ali, absorvendo e deixando com marcas que mais tarde tornar-se-ão manchas alaranjadas circunscritas nesse corpo como um retrato desse ofício. Seu corpo não só carrega o cabungo, mas também as marcas do seu ofício, corpo tigrado, manchado e, que ao clarear do dia o acusam de exercer tal ofício, de ser o trabalhador da coleta e despejo dos dejetos. Porém, sua tarefa continua e outro cabungo é avistado, sem mais as folhas de bananeira, atravessa agora toda a cidade até ao cais para o despejo dos dejetos. O dia amanhece e esse escravo já não é mais visto nem na cidade, nem na senzala, se refugia no jardim ou isolado em outro lugar longe da senzala, do convívio dos outros pois os outros escravos não suportam sua presença. Seu local de convívio é a noite, seu semblante assustador, seu odor provoca asco, tocá-lo? Nunca. Ser carregado(r) de imundice. Imundice essa que não pertence a ele, que não é feita por ele mas é excluída por todos.

(Anotação do Diário de Campo, tocada pela leitura de obras de Debret, feita em ,25/04/2012)

Esse tema tem sido foco de estudos com diferentes perspectivas. De um lado encontramos a visão da antropologia, que mostra como cada forma de organização da vida tem suas razões conforme sua história social e sua época. Do outro lado, a visão higienista, que estuda o lixo na perspectiva da saúde pública. Se a primeira é respeitosa dos modos de viver a vida de cada época, a segunda não é menos importante, uma vez que uma cidade sem saneamento, sem recolhimento público de lixo - tendo em vista o crescimento populacional principalmente nos grandes centros urbanos - pode se tornar uma cidade insalubre. O tema lixo permite múltiplas entradas

que vão de maneiras diversas afetar as normas atuais, a maneira como a cidade se organiza e, também, aqueles que exercem a atividade de coletar o lixo.

São poucos os registros das formas antigas de manejo dos resíduos, aparecendo apenas quando surgem as formações das cidades, e é por onde iniciamos.

Encontramos relatos de que na cidade de Roma existiam formas para reaproveitar o lixo (Hösel, 1990). Existiam pessoas, chamadas *canicolae*, que buscavam coisas ainda úteis nos locais em que desembocavam as cloacas². Há indicações da presença, nesta mesma cidade, de serviços para manutenção de toaletes e latrinas privadas, mediante pagamento, e também de que urina e fezes (inclusive dos toaletes públicos) eram comercializadas para uso agrícola.

Esse reaproveitamento também era encontrado em boa parte da Idade Média, sendo o lixo de responsabilidade de cada família, sendo as fezes de animais e humanos utilizadas na agricultura. A urina era usada por curtidores de pele, e as lavanderias mantinham vasos nas ruas para sua coleta. Empregou-se urina para preparo da púrpura, a mais apreciada cor da Antiguidade. Em muitos momentos as peles de animais curtidas com urina foram utilizadas para a escrita (Hösel, 1990).

Na Idade Média, onde havia serviços de limpeza urbana esses eram inicialmente prestados por particulares, como no caso dos carroceiros que retiravam os vasilhames com os dejetos deixados nas portas das casas, e faziam o despejo nos rios próximos às cidades, trabalho realizado sempre à noite (Hösel, 1990).

O aglomerado de gente e lixo era a principal característica no começo da formação das cidades³. Antes o lixo era menos complexo, menos variado. Eram considerados como lixo os dejetos como fezes e urina humana assim como restos de animais utilizados para a alimentação e seus excrementos. Esses animais eram criados para servir como eliminadores do lixo orgânico. A forma de eliminar os restos, as sobras era primária, os dejetos eram arremessados pela janela e as águas das chuvas usadas como meio de se livrar desses materiais.

Cabe assinalar que o sentido atribuído aos restos ou às sobras era outro. Não havia nenhum serviço organizado de recolhimento do lixo produzido na cidade. O

² Cloacas foi uma das primeiras construções relacionada ao tratamento de esgoto. Era um cano ou cova destinado a receber os dejetos. Mas, também, na anatomia animal é o nome dado ao canal intestinal que mais adiante veremos em uma citação de Victor Hugo.

³ Para o autor José Carlos Rodrigues (1999) é a partir daí que ele identifica o início do capitalismo. A relação do significado e sentido do lixo com o utilitarismo trazido pelo capitalismo nos faz pensar o que é inútil para os ricos pode ser reaproveitável e valioso para os pobres. Essa é uma discussão interessante, porém não teremos como desenvolver nesse estudo. Este autor é uma das leituras que aponta para isso.

Estado não se responsabilizava pelas medidas de higienização, não havia nenhuma política higienista. A população se organizava sem colocar esse serviço como obrigação do Estado.

Na transição da Idade Média para a Modernidade, medidas de higienização urbana começam a serem adotadas em diversas regiões da Europa, configurando o nascimento do higienismo, que considerava a doença como um fenômeno social abrangendo todos os aspectos da vida humana (Ruiz, 1999, p. 275). Com isso, a necessidade de manter condições de salubridade na cidade mediante o tratamento da água, esgoto, iluminação nas ruas, recolhimento de lixo para assim pode controlar as epidemias. Conforme Vigarello (1993) passa a haver “... novo princípio de ‘rentabilidade’... [para reorientar] os valores atribuídos ‘a comida, ‘as bebidas, ao ar respirado no trabalho e no descanso, ‘a limpeza do corpo que necessita deixar penetrar o oxigênio pela pele” (p.170).

São estabelecidas normas para a destinação dos dejetos e dos restos de animais e proibição do descarte inadequado, configurando a entrada do Estado como agente fiscalizador e disciplinador dessa nova sociedade que se forma. Victor Hugo (1862), em *Os Miseráveis*, coloca parte de suas inquietações demonstrando a relação do lixo com a formação da cidade:

A terra empobrecida pelo mar. Paris lança anualmente vinte e cinco milhões à água. Não é metáfora. Como e por que modo? De dia e de noite. Com que fim? Sem fim nenhum. Com que pensamento? Sem em tal pensar. Para quê? Para nada. Por meio de que órgão? Por meio do seu intestino. Qual é o seu intestino? São os seus canos de esgoto... Uma grande cidade é o mais rico dos esterquilínios. Empregar a cidade em fertilizar o campo seria uma ótima empresa. Se o nosso oiro é esterco, em compensação o nosso esterco é oiro. Que se faz deste oiro-esterco? Atira-se ao abismo... Todo o excremento humano e animal, perdido pelo mundo, se fosse lançado a terra, em vez de ser lançado à água, bastaria para a alimentar. Esses montes de lixo que se veem pelas ruas, essas carroças de lama que de noite se ouvem rodar, essas sujas pipas da limpeza pública, esses fétidos escoamentos de lama subterrânea que a calçada encobre, sabeis o que são? É o prado coberto de flores, a erva verdejante, o serpão, o rosmaninho e a salvac é a caça, o gado, o alegre mugido dos bois ao recolher do pasto; é o feno odorífero, é o trigo doirado, é o pão da vossa mesa, é o sangue quente das vossas veias, é a saúde, a alegria, a vida. Assim o quer essa misteriosa criação, que é transformação na terra e transfiguração no céu. (p. 146).

Mas quem eram os trabalhadores que exerciam esse ofício, retirar (coletar) e descartar o lixo? Como era realizada essa atividade? Como eram vistos pelos outros?

Do ponto de vista da saúde pública (com esse olhar higienista), o lixo foi tratado como algo extremamente negativo, visão que é reforçada por relatos como esse, referente àqueles que trabalhavam com o lixo “... as pessoas que passaram a cuidar do destino final do lixo eram marginais à sociedade. Assim, como o resto ou a sobra, esses seres humanos também eram escolhidos de acordo com a ocupação ou com o papel social que desempenhavam” (Velloso, 2008, p. 25). A limpeza esteve também frequentemente subordinada ao carrasco da cidade e aos seus auxiliares. Em 1624, na cidade de Berlim, passou-se a empregar prostitutas para a limpeza das ruas com o argumento de que “usavam mais as ruas do que os outros cidadãos” (Hösel, 1990, p.71) A ajuda de prisioneiros era também comum. Dava-se início a uma prática que, no caso de prisioneiros, estende-se pelo menos até o século XX.

Nos dias atuais, a saúde pública adota outro ponto de vista quanto ao lixo. Há os movimentos para a reciclagem, para a redução da quantidade de lixo produzida, o tratamento do lixo como responsabilidade de todos, que não é mais atribuído a um ou outro grupo à margem da sociedade.

É interessante observar que a importância atribuída à reciclagem já aparecia em alguns momentos da história. Um bom exemplo é a figura dos chamados Trapeiros, conforme Benjamim (2006):

O trapeiro é a figura mais provocadora da miséria humana. Lumpenproletário num duplo sentido: vestindo trapos e ocupado de trapos. Eis um homem encarregado de recolher o lixo de cada dia da capital. Tudo o que a cidade grande rejeitou tudo o que ela perdeu tudo o que desdenhou tudo o que ela destruiu, ele cataloga e coleciona. Ele consulta os arquivos da orgia, o cafarnaum dos detritos. Faz uma triagem, uma escolha inteligente; recolhe, como um avaro um tesouro, as imundices que, ruminadas pela divindade da Indústria, tornar-se-ão objetos de utilidade ou do prazer [...]. (p. 395)

Alguns autores reconhecem nessa figura do Trapeiro o que hoje chamamos de catadores de lixo, que fazem parte do recolhimento e da separação dos materiais recicláveis, possuindo vínculos com cooperativas, ou atuando por conta própria, como forma de gerar ou complementar a renda familiar.

Em Londres, a partir de 1666, se passou a contar com um serviço organizado de limpeza de ruas. Sorteavam-se entre os cidadãos aqueles que, mediante juramento, responsabilizavam-se pela conservação de áreas da cidade. Eram chamados *scavengers*. A tarefa não era aceita de bom grado, o que fez ruir o sistema. O

scavenger aparece como uma ocupação no Censo de 1911 da Inglaterra e País de Gales. Este nome foi usado a partir de então para indicar alguém que limpa as ruas, remove resíduos, geralmente um trabalhador (coletor de lixo, faxineiro ou gari), empregado pela autoridade local de saúde pública.

1.3 – O lixo no Brasil

No Brasil a situação não era muito diferente. Em 1760, a cidade do Rio de Janeiro chegava aos 30 mil habitantes. O lixo continuava a ser atirado pelas janelas ou portões e deixado por todas as partes. Os residentes próximos ao mar jogavam-no na praia, os moradores vizinhos às lagoas, pântanos ou rios, ali mesmo faziam seus despejos. Com a chegada da Família Real, em 1808, e em expedições posteriores, diversas pessoas oriundas de outras partes da Europa vieram para o Rio de Janeiro. Porém são poucos os relatos precisos quanto aos costumes e modos de vida dos habitantes dessa nova terra.

John Luccock era um inglês que desembarcou no Rio de Janeiro em 1808 permanecendo até 1818, durante sua estadia viajou por diversas cidades do Brasil, mas foram as visitas aos becos, ruas e casas da cidade do Rio de Janeiro que renderam o seguinte relato, onde Luccok (1942), mostra como eram as disposições em relação ao lixo e a higiene dessa população:

Se dos dormitórios continuarmos para a cozinha, outras inconveniências não se farão esperar. Entre as piores, acha-se uma tina destinada a receber todas as imundícies e refugos da casa; que, nalguns casos, é levada e esvaziada diariamente, noutros somente uma vez por semana, de acordo com o número de escravos, seu asseio relativo e pontualidade, porém, sempre que carregado, já sobremodo insuportável. Se acontece desabar um súbito aguaceiro, logo surgem em geral essas tinas, despeja-se-lhes o conteúdo em plena rua, deixando-se que a enxurrada o leve. Nas casas em que não se usa desses barris, toda espécie de detrito é atirada ao pátio, formando uma montoeira mais repugnante do que é possível a uma imaginação limpa fazer ideia. E ali fica ajudando a criar os insetos e originando doenças, à espera de que as chuvas pesadas do clima tropical a levem. A água que cai no pátio, depois de assim impregnada, encaminha-se para a rua, por meio de canais que passam por debaixo do assoalho da casa, ou para dentro de um poço escavado bastante fundo para que comunique com a camada arenosa inferior ao nível das águas altas, em que se dissolve, ou através da qual uma parte encontra caminho para o mar.(p.68)

John Luccock era considerado um homem muito crítico e, por conseguinte, muito criticado. Em suas anotações alguns aspectos eram por demais exagerados levando por muitas vezes a dúvidas.

Nesta época os escravos, os condenados e os africanos livres realizavam atividades que fazem referência à limpeza urbana, tais como: capinação, remoção de lama, de areia, de dejetos, de cadáveres encontrados nas ruas e praças. Eram conhecidos por “tigres” ou “cabungos”. São nomes com duplo significado: cabungo é o nome que se dá exatamente ao recipiente de madeira utilizado para transportar materiais fecais, pode se notar que o nome do recipiente se estendeu ao escravo, “representa uma analogia entre pessoas e objetos que, identificados por um mesmo nome, representavam símbolos que remetiam um desejo de afastamento” (Souza, 2007, p.55). O dicionário Michaelis (2012) atribui a essa palavra o significado de “indivíduo pouco limpo ou desprezível. Pessoa a quem não se deve dar importância.” Percebemos daí, o surgimento das semelhanças com a invisibilidade em que os coletores do lixo são colocados se consideramos os relatos dos próprios coletores, como também com o fato de serem associados ao sujo, ao desprezível.

A tarefa de retirada dos dejetos era geralmente destinada a um único escravo da família ou o que era considerado de menor status ou valor. O relato de Joaquim Manuel de Macedo na obra *Memórias de Ouvidor* (1952) é expressivo:

Então o mais fétido e nauseabundo despejo das casas se fazia em barris não tampados que escravos e negros do ganho levavam ao mar, e a Rua do Ouvidor; de fácil e reta comunicação com a praia, era uma das mais frequentadas pelos condutores dos repugnantes barris, das oito horas da noite até as dez. (p.99).

Toda essa atividade e a recorrente exclusão daqueles que exercem esse ofício é bem colocada por Debret (1861), ao descrever um vaso de barro a ser manuseado pelo negro, atribuindo uma dupla função “vergonhosa”, para o vaso e o negro:

O nº2, primeira da linha, de barro cozido e de forma oblonga, tem mais o caráter indígena. É, em geral, de três palmos de altura. Suas funções vergonhosas fazem com que esteja sempre escondido num canto do jardim ou de pequeno pátio contíguo à casa, colocado atrás de uma cerca de trepadeiras ou simplesmente escondido por duas ou três tábuas apoiadas ao muro. Nas casas mais ricas, ele se dissimula sob um assento de madeira móvel. E, nesse esconderijo, aguarda a hora da Ave Maria para, molemente balançando à cabeça do negro encarregado desse serviço, ser esvaziado numa das praias. Antes da partida é previamente coroado por uma pequena tábua ou uma enorme folha de couve, tampa improvisada que se supõe suficiente para evitar o mau cheiro exalado durante o trajeto. Esse despejo infecta todas as noites, das 7 às 8 e meia, todas as ruas próximas do mar e

nas quais se verifica uma enorme procissão de negros carregando esse triste fardo e que espalham num instante todos os transeuntes distraidamente colocados no caminho. O velho barril de água termina também sua carreira como o pote que acabamos de falar, com maiores inconvenientes porém, no transporte, inconvenientes que escandalizam as modistas e as negociantes francesas da rua do Ouvidor. Acontece com efeito que o peso enorme suportado pelo fundo velho do barril, o qual recebe com cada passo do carregador ligeira sacudidela, acaba desconjuntando as três ou quatro tabuas, já podres e sem elasticidade, que cedem, enfim, deixando escapar o conteúdo infecto que espirra para todos os lados. Mas não é tudo, nessa desagradável ocorrência as paredes do barril, ainda ligadas com aros de ferro, escorregam e encaixam o negro desde os ombros até os punhos. Assim, repentinamente couraçado, às vezes mesmo coroadado com enormes folhas de couve de uma cor incerta, descobrem-se somente a cabeça e as pernas do pobre escravo abobado com as novas cores de que se vê de repente coberto. Essa desventura constitui uma alegria para os companheiros e é assinalada por mil assobios agudos, gritos e palmas de todos os que cercam. Acordado de sua estupefação por esse barulho generalizado, o negro torna as disposições necessárias para sair de seu barril e recolher os pedaços esparsos. Após a manifestação de alegria, os outros partem correndo, e o desgraçado, assim isolado, torna-se o ponto de mira dos vizinhos, que, fechando o nariz, lançam contra ele seus próprios negros armados de utensílios, que lhe são emprestados para recolher pouco a pouco os restos imundos disseminados pela calçada. Obrigam no ainda, após esse trabalho penoso e longo, a jogar vários barris de água, e varrer e, não raro, a limpar com esponja as vitrinas da loja que seu fardo sujou. Com todas essas precauções, quase não basta a noite para que se evaporem completamente os miasmas, circunstância desagradável, que priva as moças da loja atingida, das amáveis visitas que lhes encantam as noitadas; e a circunstância é tanto mais aflitiva quanto dá origem a chacotas e zombarias que circulam durante, pelo menos, oito dias em todas as outras lojas do Rio de Janeiro. Terminado esse penoso trabalho, entre imprecações de todos, o infeliz carregador vai lavar-se na praia, bem como limpar as tábuas desconjuntadas de seu barril. (p.133)

Com a leitura deste trecho de Debret pode-se ver o quanto degradante e repugnante é a realização dessa atividade, tanto para quem trabalha nesse ofício como para aqueles que pensam em cruzar o caminho destes trabalhadores.

Para Velloso (2008) o trabalho com lixo continuou sendo socialmente desqualificado. Esse ofício carrega marcas de um passado de exclusão, um olhar sobre o que é sujo mal cheiroso e que lida com aquilo que é o excluído, o resto.

Em 1885, os serviços de limpeza urbana foram entregues à iniciativa privada e os irmãos Garys assumiram a Companhia Industrial do Rio de Janeiro, com o objetivo de desempenhar os serviços de coleta, transporte e destino final do lixo. Tão forte foi a atuação de Gary que os empregados encarregados pela limpeza, os lixeiros, passaram a ser chamados de "garis". Desde então, os trabalhadores da coleta do lixo passaram a serem chamados pelo nome genérico dos seus patrões, "garis". O mesmo ocorreu em Portugal, os coletores de lixo eram conhecidos como "almeida", em

homenagem a um cidadão com Almeida no nome, que foi diretor-geral da limpeza urbana da capital portuguesa.

Desta maneira, vemos que a todo o momento da história do ofício desses trabalhadores do lixo, coloca-se uma analogia entre pessoas e objetos, seja associando o trabalhador ao nome do representante da empresa de limpeza pública ou associando o trabalhador ao objeto da coleta. Hoje nos defrontamos com situações parecidas, apontadas nas falas dos coletores de lixo. Coletor 1, *“Acho que os moradores não deviam fazer essa desfeita com a gente, às vezes eles dão pra gente resto de biscoito”*. O coletor 2, *“Acham que nós somos os restos dos homens”* e o coletor 3 complementa, *“Se eu fosse dar alguma coisa pra uma pessoa eu nunca ia dar uma coisa velha”*.

Essas frases são queixas dos coletores de lixo em relação aos moradores das localidades onde eles coletam o lixo, que agem como se eles fossem pessoas desprovidas de suportes financeiros, suportes sociais e afetivos. Coletor 4, *“eles (moradores) quando fazem assim, a arrumação no armário e vão dar algumas roupas, pensam logo – Ah vou dar para o lixeiro – mas a gente tem dinheiro pra comprar roupa, e roupa boa... cada um aqui tem sua vaidade.”*

1.4 - Os sentidos no e com o lixo

É importante pensar o que significa trabalhar com o lixo, uma vez que esses trabalhadores são vistos como extensão do seu objeto de trabalho. Pensar na aproximação do problema do lixo como elemento da cultura, como fenômeno de significação. Apresentaremos algumas reflexões acerca do lixo como objeto de trabalho, e, como ele repercute em todos nós.

Os estudos que, hoje, trazem informações e conteúdos referentes ao lixo ou ao trabalhador do lixo, fazem-no muitas vezes de forma objetiva e material, como se o lixo fosse um problema técnico, mais do que histórico e sociológico (Rodrigues, 1999).

Segundo Rodrigues (1999), o mais importante do que entender o lixo, é compreender os pensamentos atribuídos à significação das ações e dos sentidos dos seres humanos; a esse objeto lixo, e que ainda estão presentes nos dias atuais: “que puderam ‘inventar’ algo como lixo: atribuindo, etiquetando, acusando, localizando alguma coisa inútil, asquerosa, perigosa” (p.88).

Optamos por utilizar como referência o homem medieval para poder situar e caracterizar a partir de qual momento as sensibilidades corporais são modificadas. Para o corpo do medievo o cheiro, a visão, o tato se constituem em diferentes formas de sentir, nada tendo a ver com o corpo que conhecemos hoje. Como relata Rodrigues (1995),

Não se trata do corpo singularizado e individualizado do burguês. Não é um corpo circunscrito em si... contido, fechado, que nos passe a sensação de ser completo por si mesmo. Ele é expansivo, indisciplinado transbordante... misturado com outros corpos e matérias... O corpo medieval nos oferece um referencial a partir do qual podemos entender esta sensibilidade aos cheiros, aos contatos tácteis, ao prazer e desprazeres, aos gostos: trata-se de um outro corpo. (, p.34)

Essa reflexão começa fazendo referência a um corpo medieval que não se separava do espírito, dos outros corpos ou das coisas. Não havia a separação cartesiana, entre corpo e alma. O corpo medieval era cercado por simbolismos e se constituía como a própria condição humana. Uma vez que corpo e alma não se separavam tudo o que esse corpo produzia era parte integrante do mesmo. Por isso, a ideia da existência de resto, de dejetos, não existia para o homem medieval. Mortos, vivos, excreções, tudo fazia parte do cotidiano do medievo, onde havia a incorporação concreta do perecível. “A putrefação era continuidade da vida, húmus... tudo que perece, assim, era incorporado, não excluído.” (Rodrigues, 1999, p.62).

A invenção da dicotomia entre corpo e alma “constituiu condição preliminar para o entendimento de que algo da existência fosse descartável” (Rodrigues, 1999, p.60).

A história de novas mentalidades e sensibilidades foi uma história de separações e rupturas, e foi preciso adentrar muito nos tempos modernos para que pudéssemos encontrar o corpo considerado como algo privado, como cada um sendo dono de sua própria vida. A propriedade de si, ser dono do próprio corpo (da vida) é como o capitalismo se funda, “a propriedade privada de si constitui o mito fundador do capitalismo. Cada um, dono de si. De sua iniciativa... Cada um pode alugar sua força de trabalho. Vendê-la no mercado. Ter interesses privados.” (Rodrigues, 1999, p.127).

Existe uma história da nossa higiene pessoal muito mais recente do que imaginamos e aos poucos vai se formando a ideia de que a limpeza física também é a limpeza moral. O pensamento de que sujeira pessoal e sujidade moral se associam não nasce socialmente antes do fim do século XVIII (Rodrigues, 1995). A partir daí os

seres bem-apegoados, limpos, banhados, penteados, atentos aos detalhes de seus corpos começam a ser consideradas como também confiáveis, aproximáveis, como gente que se possa fazer amizade, abrir as portas...

Rodrigues associa em seus livros *Higiene e Ilusão* e *Corpo na História*, a forma como o lixo é associado à morte como aquilo “que deveria ser banido, posto à parte... como cogitar o descartável, o inútil aquilo cuja a vida se tenha esgotado?” (Rodrigues, 1999, p.87). Propõem-nos pensar no que se constitui como lixo: dejetos. Como nosso corpo através da excreção, daquilo que o corpo produz e não aproveita, aquilo que sobra, é colocado para fora, formando o que Jose Rodrigues (1999) chama de “lixo corporal” e ainda acrescenta,

assim como estas são coisas que o corpo produz sem reter, são o corpo e ao mesmo tempo não o são, porque dele saíram e se destacaram o lixo é algo que a cultura produz, mas não retém. É quase como um dejetos cultural, uma excrescência do social, quase como um defecar por meio do qual a cultura devolve à natureza aquilo que dela retira - também para que seja devorado por ratos, urubus, cães, insetos, porcos, vermes....(p.88)

Com a morte, se faz a aproximação do lixo com os cadáveres. Ambos são para Rodrigues (1999),

formados de partes destacadas de algo que já foi. São pedaços em decomposição, são restos do que foi útil, recordações do que já não é. Em grande medida, lixo e cadáver vão deixando de ser tabu, algo perigoso e ameaçador, na proporção em que perdem suas identidades já parciais: quando viram cinzas, quando voltam a ser terra, quando são queimados e se transforma em fumaça, quando são reciclados e adquirem vidas novas... (p.88)

Pensar nesse repúdio ao lixo e sua associação aos trabalhadores da coleta de lixo, nos leva a discussão quanto a nossa cultura. Uma cultura do útil, do funcional. Ora, se o lixo é aquilo que não mais tem utilidade, encontra-se aí “a angustia em torno desses dois paralelos” (Rodrigues, 1999, p.89). Tais características fazem do lixo, assim como do cadáver e das secreções corporais, aquilo que, em nossa cultura, queremos ou precisamos manter a distância. Rodrigues (1999) explica que

uma sociedade é ao mesmo tempo o seu interior e seu exterior. Em outras palavras, toda sociedade é um “dentro”, regido pelas suas normas, mas simultaneamente também um fora, que não o é senão parcial e ilusoriamente, uma vez que não passa do correlativo binário daquele dentro e das normas que o definem como fora. Embora às margens, este fora nunca é, por conseguinte, inteiramente marginalizado, nunca é totalmente exterior. Em uma lógica de significação, o excluído pode perfeitamente estar no âmago, exatamente para cumprir uma função significacional no interior. Esta função é quase sempre a de testemunhar para a sociedade aquilo que ela não quer ser. Ora, se este ‘fora’ é de fato um ‘dentro’, afastar algo, como no caso do lixo, é necessariamente aproximá-lo de alguém. Está presente aí um movimento de poder inevitável. Banir o lixo

corresponde ao gesto de aproximá-lo dos lixeiros, dos caminhoneiros, dos moradores das favelas, dos pobres, dos países do terceiro mundo. (, p.92).

Na Idade Média, prevalecia o tato, a audição, onde não havia distinção entre o sujo, o dejetivo, e a partir da Modernidade onde se inicia o processo de divisão entre povo e elite⁴ o mesmo tempo com a consolidação das cidades, a postura corporal do homem, o que ela significa ao social é modificada e rotulada.

No livro “Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove”, Corbin, no capítulo intitulado “O fedor do pobre”, discorrendo sobre as alternativas da burguesia para higienizar os corpos e locais, analisa também a significação social das perturbadoras mensagens de intimidade, o cheiro seria uma delas. Quanto ao cheiro e os modos de higienização corporal, Corbain (1987) mostra que

a ausência de cheiro importuno permite distinguir-se do povo pútrido, fedorento como a morte, como o pecado, e ao mesmo tempo justificar implicitamente o tratamento que lhe é imposto. Ressaltar a fetidez das classes laboriosas e acentuar com isso o risco de infecção que sua simples presença comporta contribui para manter esse terror justificatório em que a burguesia se compraz e que canaliza a expressão de seus remorsos. Encontra-se assim induzida uma estratégia higienista que assimila simbolicamente a desinfecção à submissão. ‘ A enorme fetidez das catástrofes sociais, quer se trate do motim ou da epidemia, leva a pensar que tonar inodoro o proletário poderia instituir a disciplina e o trabalho... Eis que o excremento organiza as representações sociais. O burguês projeta sobre o pobre aquilo que ele tenta recalcar. A visão que ele tem do povo se estrutura em função da imundície (p. 65).

E este autor continua assim sua narrativa acerca da higienização das ruas e dos corpos, Corbain (1987):

apodrece no último grau da miséria cheira forte porque seus humores não têm a cocção necessária nem o grau de animalização próprio ao homem. Se ele não tem cheiro humano, não é por fenômeno de regressão, mas antes porque ele não atravessou os limites de vitalidade que definem a espécie.... Antes de mais nada, como é evidente, a prostituta, ela também é aparentada ao lixo, e sua presença cessa assim que desaparece o dejetivo. Em Florença, as ruas são pavimentadas, os esgotos são cobertos, as imundícies são contidas atrás de grades, as ruas juncadas de flores odoríferas; não há mais uma única mulher da vida. (p. 66)

Os trabalhadores do lixo por vezes carregam consigo, a partir dos encontros com seu objeto de trabalho, o lixo a sua própria imagem de lixo. Corbain (1987) nos relata isso na imagem do catador de lixo.

⁴ A ideia de povo só aparece no período posterior a essa apresentada aqui. Segundo Rodrigues “a separação entre povo e elite ter-se-á configurado com bastante nitidez, e quando as fronteiras entre as várias culturas do povo e as culturas da elite (também variadas) terão começado a ser mais significativas do que as relações e interpenetrações que apresentavam.” (1999 p 36)

O catador de lixo leva ao ápice o mau cheiro dos artesãos: é que em sua pessoa, concentram-se os eflúvios nauseabundos do excremento e do cadáver. Embora sua condição e sua higiene estejam se tornando melhores, também o trabalhador doméstico cheira mal...(p.112).

Com isso, é importante trazer, mais uma vez, a fala de um dos coletores de lixo: *“uma vez coletando o lixo em uma casa, pedimos água para uma senhora, ela trouxe no copo de vidro, quando devolvi, ela falou – não precisa devolver, pode jogar fora”*.

Esse relato mostra quanto à separação de individualidades e de classes sociais está presente. O fato de que cada indivíduo (um) é pensado como dono da própria vida, no imaginário fundado pelo capitalismo. Cada ser humano torna-se uma espécie de proprietário privado de si mesmo: é ele que decide seu destino; é ele quem pode salvar tudo ou pôr tudo a perde; é ele, enfim que pode fazer ou desfazer a sua vida.

Capítulo 2 – A Saúde e os Programas de Qualidade de Vida no Trabalho

O tema saúde nos dias atuais é utilizado nas estratégias de gerenciamento nas organizações. A proposta de promoção da saúde no ambiente de trabalho é apresentada de diversas formas. Frequentemente surge como um Programa de Qualidade de Vida no Trabalho (PQVT), que traz consigo o discurso gerencial de investimento nos trabalhadores e aumento da produtividade. Através deste programa, as empresas buscam criar o que denominam um ambiente saudável, buscando sublinhar a sua preocupação com o desenvolvimento pessoal de seus trabalhadores.

Neste capítulo, discorreremos brevemente sobre esse tema que permeia as organizações nos dias de hoje - a promoção da saúde e os Programas de Qualidade de Vida.

2.1 - Pensar em saúde

A Organização Mundial da Saúde (OMS), integrante da Organização das Nações Unidas, fundada em 1948, define saúde como “um estado completo de bem-estar, físico, mental e social, e não somente a ausência de enfermidade ou invalidez”. A definição consta na carta de Otawa, implicando o reconhecimento do direito à saúde e da obrigação do Estado na promoção e proteção da mesma. Saúde deveria expressar o direito a uma vida plena, sem privações.

Essa concepção de saúde, ampla e de difícil operacionalização, é frequentemente interpretada nas ações gerenciais numa concepção de saúde como saúde do indivíduo, a ser construída em um estilo de vida saudável, onde o indivíduo é visto como responsável por sua boa alimentação, prática de atividade física e outros hábitos.

Trazendo como exemplo dessa concepção frequentemente sustentada nas empresas contemporâneas, onde os estilos de vida escolhidos por cada um remetem ao âmbito privado, Silva (2004) descreve da seguinte forma os Programas: “as empresas procuraram desenvolver programas que orientem o indivíduo para um

comportamento saudável⁵, trabalhando a capacidade de resiliência para atender a grande demanda do mundo atual, que impõe ao indivíduo níveis elevados de estresse por problemas de ordem social, segurança, meio ambiente, entre outros” (p. 135). Ainda para esta autora, o investimento em promoção da saúde nas organizações tem como intuito “conter os custos com assistência médica, reduzir absenteísmo e o “turnover” (...) Além disto, pretendem obter benefícios adicionais tais como: o aumento da moral e a melhora da imagem institucional da empresa perante sua comunidade interna e externa” (p. 137).

Segundo o Manual Técnico da Agência Nacional de Saúde Suplementar (2007), referência usada com frequência nos programas adotados no âmbito das organizações, os primeiros conceitos de promoção da saúde foram definidos por Winslow, em 1920, e por Sigerist, em 1946. Este último definiu como as quatro tarefas essenciais da medicina: a promoção da saúde, a prevenção das doenças, a recuperação e a reabilitação, considerando três níveis de prevenção: primária, secundária e terciária. No nível de prevenção primário as medidas são destinadas a aumentar a saúde e o bem-estar geral dos indivíduos, tendo uma projeção à família e a grupos.

As definições utilizadas pela ANS têm como objetivo “estimular a mudança do Modelo de Atenção à Saúde no Setor Suplementar, entre outras, através da adoção, pelas operadoras de planos privados de saúde, de Programas de Promoção da Saúde e Prevenção de Riscos e Doenças.” (Manual Técnico, 2007, p.09).

Em 1974, surgiu no Canadá o movimento de promoção da saúde, através do documento divulgado conhecido como Informe Lalonde. Esse documento identificou que a biologia humana, o meio ambiente e o estilo de vida estavam relacionados as principais causas de morbimortalidade no Canadá, e que a maioria dos gastos com saúde estavam na organização da assistência (Manual Técnico ANS, 2007).

Em 1986, ocorreu a I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, que originou a Carta de Ottawa. De acordo com este documento, “promoção da saúde é o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social (...).

⁵ Na linguagem utilizada fica clara a opção teórica que, no âmbito da psicologia, sustenta as propostas de análise e intervenção: a da psicologia comportamental. Essa não é a escolha teórica feita nessa dissertação. A principal base teórica da Clínica da Atividade é a psicologia histórico cultural, desenvolvida por Vigotski.

Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e, vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global” (Carta de Ottawa, 1986, p.01).

Com o objetivo de fomentar a promoção da saúde no ambiente de trabalho, tendo como concepção de saúde a ausência de doença propiciada por um estilo de vida adequado, as organizações lançam mão dos Programas de Qualidade de Vida no Trabalho.

Como contraponto, é de grande pertinência trazer as reflexões de Canguilhem, (2005) quanto ao tema saúde. Para ele, o corpo vivo é efetivamente singular e a saúde é o que melhor exprime a qualidade dos poderes que o constituem. Nosso corpo vive sob a imposição de tarefas, em exposição a um ambiente do qual ele não tem escolha. “O corpo humano vivo é o conjunto dos poderes de um existente tendo a capacidade de avaliar e de se representar a si mesmo esses poderes, seu exercício e seus limites.” (p.41). Para Canguilhem “esse corpo é, ao mesmo tempo, um dado e um produto. Sua saúde é, ao mesmo tempo, um estado e uma ordem” (p. 42), ou seja, ele distingue a saúde em dois corpos: o corpo dado, saúde como estado desse corpo e corpo produzido, onde a saúde é a expressão do corpo.

O corpo é dado, do ponto de vista da constituição genética do indivíduo, constituição essa que não necessariamente se manifestará em efeitos patológicos. Mas é na definição de corpo como produto que podemos pensar nas relações entre a promoção de saúde e o PQVT nas organizações. O corpo é um produto quando seu modo de vida, escolhido ou imposto, interfere modificando o corpo dado.

Aqui usaremos como referência o ambiente de trabalho, que contribui “para modificar sua estrutura morfológica e, por conseguinte, para singularizar suas capacidades” (p.42).

As ações organizacionais de promoção da saúde consistem em práticas que estão mais na normalização de condutas e estilos de vida, com a culpabilização do indivíduo, do que na transformação das limitações impostas pelo ambiente de trabalho. Consideramos que esse discurso é proveniente da proposta médico higienista, que vem “recuperada e travestida de uma ambição sociopolítica-médica de regulamentar a vida dos indivíduos” (Canguilhem, 2005, p.42). Concordamos que no momento em que a palavra saúde foi dirigida ao homem como participante de uma comunidade social ou profissional, levou seu sentido existencial para as exigências de

uma contabilidade. Tornando a saúde objeto de cálculos e números, sendo quantificada através de programas e resultados. Para Canguilhem isso culminou na criação de um controle administrativo da saúde dos indivíduos que sustenta hoje a existência da Organização Mundial da Saúde.

2.2 - Programas de Qualidade de Vida no Trabalho

O que pode ser considerado o primeiro modelo de QVT surgiu na Inglaterra, com base na perspectiva da sociotécnica (Padilha, 2010,p.552). Este modelo foi criado por pesquisadores envolvidos nas demandas relacionadas ao contexto da Segunda Guerra Mundial, através do Tavistock Institute of Human Relations, criado em 1946.

O Tavistock Institute buscava reunir seus conhecimentos para redefinir estratégias no campo relacional e organizacional, pensando nas relações entre o sistema técnico e o sistema social da empresa, diferenciando-se das pesquisas sociais clássicas pelo desenvolvimento de métodos de pesquisa-ação. As pesquisas aconteceram em contexto de intervenção em dois projetos de muita relevância para a sociotécnica: o projeto da Glacier Metal Company e o projeto nas minas de carvão de Durham. O projeto da Glacier Metal Company foi o primeiro projeto civil do Tavistock Institute (Ortsman, 1978, p.143) e foi de grande importância por apresentar soluções para as tensões e conflitos interpessoais e intergrupais gerados pelas mudanças ocorridas na empresa (Martins, 2006, p.07). O projeto das minas de carvão de Durham tornou-se o de mais visibilidade por ter sido realizado em um meio cultural muito diferente (a Índia) e por ter sido uma intervenção de longa duração.

A sociotécnica traz consigo ideias novas, diferenciando-se do taylorismo. Busca estruturar uma organização do trabalho dando enfoque especial para os problemas das relações, das estruturas e da interdependência que configura o funcionamento das organizações (Martins, 2006, p.03).⁶

Em 1970, Richard Walton iniciou um movimento conhecido como *Quality of work life*, um movimento dito de humanização do trabalho, vindo a ser um dos autores mais referenciados nesse tema (Padilha, 2012). Para Walton (1974, citado por Padilha, 2012), o modelo de qualidade de vida no trabalho é constituído por 8

⁶ A ideia aqui é apenas apresentar os primeiros movimentos em torno da QVT, onde o ponto alto era a Psicologia Organizacional Behaviorista com as perspectivas na psicotécnica. Porém, ainda podemos notar essas práticas ainda presentes nas organizações. A sociotécnica tem um caráter de suma importância diferenciando-se das outras correntes da época, porém não poderei me deter a ela, para mais indico o texto de Martins.

dimensões, tendo em vista o trabalho como parte de um todo, não se limitando a abordar somente o ambiente de trabalho em si, fazendo menção, inclusive, a aspectos presentes na vida de não trabalho. Apresento abaixo a organização feita por Padilha (2010) do que seriam essas dimensões para Walton:

- **Compensação adequada e justa:** Os salários pagos são suficientes para a satisfação de necessidades objetivas e subjetivas do trabalhador;
- **Ambiente seguro e saudável:** O trabalhador não pode ser exposto a condições de trabalho ameaçadoras para sua saúde física;
- **Desenvolvimento das capacidades humanas:** O trabalhador deve ter oportunidades imediatas para desenvolver e usar suas capacidades;
- **Crescimento e estabilidade:** O trabalhador deve ter oportunidades futuras para o desenvolvimento contínuo no trabalho e a garantia do emprego;
- **Integração social:** O trabalhador forma sua identidade pessoal sob influência do trabalho, de forma que a organização do trabalho influencia as condições de integração social do trabalhador;
- **Constitucionalismo:** Quais são os direitos do trabalhador e como ele pode mantê-los na organização?
- **O espaço total da vida:** O trabalho deve ter um papel balanceado na vida, não devendo invadir o tempo da sua vida privada e familiar do trabalhador;
- **Relevância social:** O trabalhador percebe que a organização atribui valor ao seu trabalho e a sua carreira? O trabalhador percebe que a organização onde trabalha é socialmente responsável?

Com esse modelo, Walton procura associar todas as dimensões relacionadas ao trabalho, incluindo as dimensões cuja influência na vida do trabalhador ocorra de forma indireta. Isto é, tal influência não é ocasionada pelo trabalho em si, mas pela forma como este é conduzido. Walton (1973, citado por Padilha, 2010) entende que as organizações enfocavam, ao invés da qualidade de vida no trabalho, a “qualidade da experiência no ambiente de trabalho”. Para Pedroso (2009) “... ao passo que, até então, a qualidade de vida no trabalho era vista como uma grandeza inversamente proporcional ao faturamento da organização. Considerando que tal correlação era errônea, houve interesse, por parte das organizações, de “redesenhar” a natureza do trabalho, objetivando articular uma melhoria da qualidade de vida no trabalho com a produtividade da organização.” (p. 31)

Pode-se afirmar que a temática da QVT assume maior relevância nos anos 70, quando se dá um esgotamento da organização do trabalho de corte taylorista/fordista, ao qual associa-se um aumento do absenteísmo, da insatisfação no trabalho e da não aderência dos trabalhadores às metas definidas pela gerência. De acordo com Athayde (2010) “... após o círculo virtuoso dos trinta anos ‘gloriosos’ pós-segunda guerra, esbarrou-se em crises e revelou seu esgotamento, daí a busca de alternativas, com base em inovações tecnológicas e organizacionais.” (p. 590)

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) a partir de 1976 lança e fomenta o desenvolvimento do Programa Internacional para o Melhoramento das Condições e dos Ambientes de Trabalho (PIACT). Trata-se de uma proposta que procura articular duas tendências: uma dirigida ao melhoramento da qualidade geral de vida como uma aspiração básica para a humanidade hoje e que não pode sofrer solução de continuidade no portão da fábrica; outra, concernente a uma maior participação dos trabalhadores nas decisões que diretamente dizem respeito à sua vida profissional (Lacaz, 2000).

Surgida na mobilização dos trabalhadores europeus pela ampliação de seus direitos no trabalho, que ocorre no final dos anos 60 e início dos 70, a proposta do PIACT incorpora tais demandas. Reflexo disso, na década de 1980, consolida-se uma tendência que baseia a QVT na maior participação do trabalhador na empresa, na perspectiva de tornar o trabalho mais humanizado. Nessa perspectiva os trabalhadores são vistos como sujeitos, estando sua realização calcada no desenvolvimento e aprofundamento de suas potencialidades.

No extremo oposto, outra visão do que seja a QVT lida com práticas que se preocupam muito pouco com as condições e organização do trabalho, na medida em que sua vertente individualista apenas incentiva a prática de hábitos de vida saudáveis. Se, em princípio, não se pode banir tais iniciativas, é preciso apontar que elas não atingem as relações e a organização do processo de trabalho, categoria essa central para explicar os principais problemas atuais de saúde dos trabalhadores. De acordo com Lacaz (2000), que cita diferentes autores para sustentar esse ponto de vista, no Brasil “as políticas empresariais de programas de qualidade (...) são caracterizadas por envolver mecanismos de controle da percepção e subjetividade para *enquadrar* trabalhadores mediante engrenagens que visam introjetar as normas e metas da empresa” (p. 153). Não prevalece aqui o proposto pela OIT, onde se prioriza as condições de trabalho, o ambiente, a organização e as tecnologias empregadas no

mesmo. Podemos dizer que, ainda prevalece nas organizações brasileiras a perspectiva de produção de obediência ou docilidade.

Porém, ainda podemos ver outras definições para QVT, seja associada à implantação de novas tecnologias no ambiente de trabalho e ao seu impacto; ou na esfera econômica, com incentivos financeiros, abonos, etc. Na vertente desenvolvida a partir das discussões da OIT considera-se que a QVT é determinada pelo grau de criatividade, de autonomia, de flexibilidade de que os trabalhadores dispõem no ambiente de trabalho, além dos elementos constituintes da organização do trabalho; “como a quantidade de controle pessoal sobre o posto de trabalho ou a quantidade de poder que os trabalhadores podem exercitar sobre o ambiente circundante a partir de seu posto de trabalho”. (Ciborra & Lanzara 1985, citado por, Lacaz, 2000).

Nos dias atuais, as práticas dos Programas de Qualidade de Vida nas organizações, são “vendidas” como em prateleiras de supermercados. São produtos prontos que acabaram por se tornar sinônimos de QVT. Como exemplo, vemos hoje: aulas de ioga, ginástica laboral, massagens, salas de descanso, dança, artesanato, coral, academia, antes, durante ou depois do expediente de trabalho. Segundo Ferreira (2011, citado por, Antíloga, & Lima, 2007) “as práticas de QVT nas organizações assumem a feição de atividades assistencialistas, que oferecem aos trabalhadores um cardápio de atividades antiestresse, do tipo “*ofurô corporativas*.” Sendo a participação da escolha das atividades, que é para os trabalhadores Qualidade de Vida no Trabalho, imposto, ou seja, essa escolha é feita por um grupo que vende e acredita ser a melhor forma de QVT na organização. Por muitas vezes, a aplicabilidade desses programas não condiz com a realidade dos trabalhadores de uma empresa.

Porém, algumas propostas de QVT buscam a partir da análise da atividade de trabalho soluções que melhorem o ambiente produtivo; de modo a promover a saúde dos trabalhadores.

No PQVT que constitui nosso campo empírico, desenvolvido com os coletores de lixo, buscamos nos aliar a essas, sustentadas na linha proposta no PIACT. No ano de 2005, a empresa responsável pela coleta de lixo domiciliar em Niterói, criou o Programa de Ergonomia, que visa implantar soluções para os problemas geradores de sobrecarga e risco na atividade de coleta de lixo. O Programa iniciou-se com a Análise Ergonômica do Trabalho realizada em todas as obras do grupo Queiroz Galvão. A partir da análise ergonômica elaborada, o setor responsável pelo Programa compreendeu que, uma das medidas a serem adotadas seria a implantação do

Programa de Ginástica Laboral. Foi nesse momento que iniciei minhas atividades com esse grupo. De acordo com nosso ponto de vista, o PQVT e a GL podem ser portas para a implantação de projetos que estimulem a autonomia do trabalhador, mesmo não sendo essa a proposta inicial da empresa demandante.

2.3 - A Ginástica Laboral

Os primeiros registros de ginástica laboral (chamada de ginástica de pausa) foram na Polônia em 1925 e, logo depois, no Japão em 1928. Na Polônia, operários se exercitavam com uma pausa adaptada a cada ocupação particular. Alguns anos depois esta ginástica foi introduzida na Holanda e Rússia. Outros países como a Bélgica e França também apresentam um histórico no pioneirismo da adoção da Ginástica Laboral.

No início da década de 60, a Ginástica Laboral começou a ser praticada na Alemanha, Suécia e Japão. No Japão, segundo Figueiredo e Mont'Alvão (2005), era aplicada diariamente aos funcionários dos correios visando a descontração e o cultivo da saúde, sendo difundida essa prática por todo o país após a Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos a adotaram em 1968. (Figueiredo & Mont'alvão, 2005 e Lima 2009).

No Brasil, as primeiras recomendações de atividades físicas entre funcionários foram em 1901, mas a Ginástica Laboral teve sua proposta inicial publicada em 1973, quando algumas empresas começaram a investir em empreendimentos como opção de lazer e esporte para os seus funcionários, como a Fábrica de Tecidos Bangu, a pioneira, e o Banco do Brasil, com a posterior criação da Associação Atlética do Banco do Brasil (Revista CONFEF, 2004).

Conforme registrado no Caderno Técnico-Didático SESI Ginástica na Empresa (2006, citado por, Sampaio & Oliveira 2008), em 1973, a Escola de Educação Física da Federação dos Estabelecimentos de Ensino de Novo Hamburgo-RS (FEEVALE), foi a pioneira da Ginástica Laboral com o Projeto Educação Física Compensatória e Recreação, elaborado a partir de exercícios físicos baseados em análises biomecânicas. Em parceria com a FEEVALE, em 1978, o SESI/RS desenvolveu o "Projeto Ginástica Laboral Compensatória". Ainda em 1978, em

Betim-MG, na fábrica FIAT de automóveis, iniciou-se o “Programa de Ginástica na Empresa” fundamentado nos princípios da Ginástica Laboral.

Na atualidade, encontramos farto material em que se define e discute a Ginástica Laboral.

Para Lima (2007) “a Ginástica Laboral pode ser conceituada como um conjunto de práticas físicas elaboradas a partir da atividade profissional exercida durante o expediente, visando compensar as estruturas mais utilizadas no trabalho, relaxando e tonificando-as, e ativar as que não são requeridas”(p.28).

Segundo Mendes e Leite (2004) “a Ginástica Laboral deve ser muito bem planejada e variada, já que é uma pausa ativa no trabalho e serve para quebrar o ritmo da tarefa que o trabalhador desempenha, funcionando como uma ruptura da monotonia” (p.2).

Para Fonseca (2007), a busca cada vez mais intensa pela produtividade, faz com que as empresas fragmentem e simplifiquem as tarefas, tornando-as cada vez mais de curta duração e, dessa forma, repetitivas. A repetitividade é o número de movimentos em um determinado período ou o tempo necessário para completar o ciclo de trabalho. De forma geral, o trabalho repetitivo é percebido pelas pessoas como monotonia, onde se mantém a mesma postura e esforço de forma estática. Para Yassi (1997), o trabalho repetitivo causa danos à saúde, sobretudo aos músculos, tendões, articulações e circulação, além de afetarem a coluna, o pescoço e os membros superiores.

Utilizando destas definições, pode-se dizer anatomicamente que a Ginástica Laboral, com seus exercícios específicos para cada atividade de trabalho, “visa melhorar a flexibilidade e a mobilidade articular, diminuir a fadiga – decorrente da tensão e repetitividade que acometem tendões, músculos, fâscias e nervos – e beneficiar a postura do indivíduo diante do posto e da sua rotina de trabalho” (Lima, 2009, p. 33).

Diversos autores brasileiros classificam o Programa de Ginástica Laboral em três tipos: de aquecimento ou preparatória, compensatória ou pausa e de relaxamento ou final do expediente (Cañete, 1996; Zilli 2002; Lima 2007).

A Ginástica Laboral de aquecimento ou preparatória é a atividade física com duração entre cinco a doze minutos, realizada no início da jornada de trabalho. O objetivo principal é de preparar os trabalhadores para a atividade de trabalho, ativando

e aquecendo os grupamentos musculares que serão solicitados na atividade, o que para Zilli (2002) e Lima (2007) proporciona também mais disposição.

A Ginástica Laboral Compensatória, ou de pausa, é a atividade física com duração entre cinco e dez minutos, realizada durante a jornada de trabalho. “Interrompe a monotonia operacional, com a realização de exercícios específicos de compensação para esforços repetitivos ou estruturas sobrecarregadas, e as posturas solicitadas nos postos de trabalho” (Lima 2009, p. 35). A mesma autora cita um estudo produzido por Lara et al. (2008) que sugere que pequenas pausas (10 minutos) para a prática de atividades físicas diárias no local de trabalho oferecem benefícios sociais, organizacionais e de saúde para os trabalhadores envolvidos. Porém, esses mesmos autores indicam ser necessários mais estudo para uma maior confiabilidade dos resultados.

Ginástica de Relaxamento ou final do expediente é a atividade física, baseada em exercícios de alongamento e relaxamento muscular, com duração aproximada de dez minutos, realizada no final da jornada de trabalho. Tem como objetivo oxigenar as estruturas musculares envolvidas na atividade de trabalho.

Os objetivos do PGL, para Lima (2007), são a promoção da adaptação fisiológica, física e psíquica por meio dos exercícios físicos e técnicas complementares. Já Mendes e Leite (2004) diferenciam esses objetivos considerando dois diferentes pontos de vista: “Os principais objetivos para os trabalhadores são: melhorar a postura e movimentos executados durante o trabalho, aumentar a resistência à fadiga central e periférica, promover o bem-estar geral, melhorar a qualidade de vida, combater o sedentarismo e diminuir o estresse ocupacional. Para as empresas, os principais objetivos são: reduzir o absenteísmo e a rotatividade, aumentar a produtividade, melhorar a qualidade total, prevenir e reabilitar as doenças ocupacionais como tendinites e distúrbios osteomusculares relacionados com trabalho (DORT)”(p.14).

Analisando essas definições de objetivos, numa aproximação com Foucault (2002), pode se ver o caráter de aumento da produtividade, de disciplinarização dos corpos, buscando produzir corpos dóceis e saudáveis.

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridas pelo investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente,

obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, dos corpos sadios. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito... emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia...(p.146)

Os programas de ginástica trazem consigo um discurso pronto, de venda de produtos, que levam as empresas a acreditarem no retorno do investimento em PQVTs. Visto assim, os programas de GL seriam a solução de todos os problemas organizacionais. Segundo os autores citados acima, esses programas geram aumento da produtividade, diminuição do absenteísmo e do estresse ocupacional. Vendo assim, as organizações aumentariam seus lucros sem a necessidade de investir em melhorias no ambiente de trabalho, o que não implicaria em mudanças da organização do trabalho entre outras.

O que apresentamos aqui não seria uma crítica a todo e qualquer Programa de Ginástica Laboral, mas sim à forma como muitos programas têm sido implantados. Deve-se repensar essas práticas, estando atentos para a sua finalidade física, social, o quanto essa prática que envolve a redescoberta corporal pode ser transformadora.

Para Domborowski (2010, citado por, Rodrigues, 2009) um Programa de Ginástica Laboral, “quando bem orientado e planejado, traz grandes benefícios para seus participantes. O PGL promove uma reflexão despertando o interesse das pessoas a pensar a respeito de si mesmas, de sua qualidade de vida e seu nível de bem estar, levando à mudança no estilo de vida e à compreensão da importância dos exercícios laborais”(p.205).

Zilli (2002) também aponta efeitos psicológicos e sociais benéficos quanto a utilização de Programas de Ginástica Laboral:

conscientização da sua co-responsabilidade com seu corpo; favorecimento da mudança de rotina; demonstração da preocupação da empresa com seus funcionários; melhora do relacionamento entre funcionários e chefias; redução da fadiga mental; desenvolvimento de consciência corporal; bem-estar físico e mental e melhora da percepção e consciência emocional (p.68).

favorecimento do contato social; promoção da integração entre funcionários; favorece o sentimento de equipe; melhora do relacionamento interpessoal; integração da empresa junto à comunidade e melhora da socialização (p.66).

Esses autores ainda citam benefícios dos programas que envolvem as empresas quanto na questão da redução das despesas médicas e do absenteísmo além da

melhora na imagem organizacional perante a sociedade e outras empresas. Para Zilli (2002):

melhora da imagem da empresa junto à sociedade e seus funcionários; valorização do funcionário; redução dos custos com assistência médica; melhora da produtividade; redução dos acidentes de trabalho; diminuição dos índices de absenteísmo; diminuição da rotatividade do quadro de funcionários; promoção da saúde e qualidade de vida dos funcionários e, conseqüentemente, da empresa; melhora do sentido de disciplina e integração entre funcionários e chefias (p.66).

Sem discordar que a GL possa trazer benefícios, reiteramos o que foi dito anteriormente: frequentemente as atividades que englobam o que hoje é chamado de Programas de Qualidade de Vida no Trabalho o fazem como fórmula mágica de imagem e benefícios positivos tanto para as organizações como para os trabalhadores. Nesses casos não se discute o cerne da questão, o que realmente estaria produzindo aumento dos adoecimentos e acidentes, do absenteísmo ou da rotatividade no quadro de funcionários, atribuindo aos trabalhadores o lugar de causador de suas próprias doenças, ou naturalizando o trabalho como causa de sofrimento. Atribuem aos PQVTs o poder de minimizar os efeitos negativos do trabalho, já que esses seriam inevitáveis. Por esta via, a saúde acaba por ser reduzida a um mero equilíbrio ou capacidade em se adaptar.

Ora, mas o trabalho também pode ser produtor de saúde.

Borges (2004) traz reflexões sobre como o trabalhador é capaz de enfrentar a necessidade de gerir as variabilidades e assim tornar o trabalho vivível. E utiliza-se de Canguilhem (1990citado por, Borges 2004) que compreende como “abertura aos riscos às infidelidades que o meio nos impõe”. Continuando com Borges (2004):

se as infidelidades do meio, os fracassos, os erros e o mal-estar fazem parte da nossa história e, na medida em que nosso mundo (incluindo os mundos do trabalho) é constituído por imprevistos, a saúde não pode ser pensada senão como a capacidade de enfrentar os riscos, as adversidades e nocividades que o meio impõe...(p.43).

Sem dúvida, a execução de um Programa de Ginástica Laboral, bem elaborado e planejado, contribui para a melhora física e relacional. Vale destacar aqui a importância em conhecer a atividade de trabalho de cada grupo de trabalhadores inserido no Programa de Ginástica Laboral. No caso da coleta de lixo, analisamos os movimentos realizados durante a jornada de trabalho. Os coletores, foco desse estudo, sobem e descem do estribo muitas vezes com o caminhão ainda em movimento,

levantam objetos pesados, como sacos e galões, com flexão e rotação da coluna, além de fazerem longas caminhadas. A identificação destes pontos levou a que fossem propostos nas sessões matinais exercícios específicos para o aquecimento e alongamento dessas regiões. Desta maneira, nenhum PGL deve ser desenvolvido sem utilizar a Análise Ergonômica do Trabalho como braço da análise da atividade, estruturando o programa com exercícios específicos, que possam atuar de forma preventiva nos grupamentos musculares usados na atividade.

Acreditamos poder pensar um pouco mais além, e talvez denominar a prática física dentro do ambiente de trabalho como uma forma de intervenção. Uma vez que se modifica a rotina diária, acrescenta-se ao trabalhador a possibilidade do desenvolvimento e consciência corporal, perpassando pela descoberta do seu próprio corpo e interagindo com seu meio de trabalho. Trazendo novamente Foucault (2002), com essa possibilidade do desenvolvimento da consciência corporal “... emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia... E assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo...” (p.146).

E foi com essa percepção, do ganho de consciência corporal adquirida ao longo dos oito anos de trabalho exercido com os coletores de lixo que pude compreender a potencialidade que há nesses corpos e ainda busco perceber o que o encontro possível entre esses corpos e o lixo produz de subjetividade nesse grupo.

Capítulo 3 - Organização do Trabalho na Coleta de Lixo

Neste capítulo abordaremos a organização do trabalho da coleta de lixo e o modo como o Programa de Ginástica Laboral é realizado, levando em conta essa organização do trabalho.

A organização do trabalho corresponde aos sistemas sócio-técnicos, as estruturas organizacionais, políticas e processos que são envolvidos na produção e as práticas de gestão. Ou, de modo mais simples, a forma como as tarefas são organizadas no tempo e divididas entre os homens.

Acerca de cidade e lixo, podemos pensar no caráter socioeconômico e político do tema. Existe um encontro nesse espaço, onde o lixo é resultado final da produção social da cidade. Para Xavier (2007) “Pensar em lixo hoje, requer, pois, a compreensão da formação da cidade, do contexto urbano e das relações sociais. Entender o lixo é entender a Cidade, sua formação, estruturação e fragmentação” (p.22).

Apresentaremos os princípios e normas que norteiam a coleta de resíduos sólidos na cidade de Niterói e como a partir destas especificações a empresa organiza o trabalho de coleta de lixo, e, como isso afeta a organização de trabalho dos coletores de lixo.

3.1- A cidade de Niterói e as normas técnicas e administrativas da coleta de lixo

A prefeitura de Niterói⁷ para dar conta de uma população de quase 500.000 mil habitantes (Xavier, 2007), terceiriza parte de seu sistema de coleta. Não encontramos informações oficiais que indicassem quando iniciou a terceirização da coleta de lixo em Niterói. As informações sobre o assunto são advindas dos próprios coletores com mais de 20 anos na coleta de lixo de Niterói: eles contam que passaram por diversas mudanças de empresas contratantes ao longo dos anos de trabalho na coleta.

Niterói é um município do estado do Rio de Janeiro, integrando a Região Metropolitana do estado. Conta com uma área de 134 km² e uma população estimada

⁷ A gestão dos resíduos sólidos do Município de Niterói foi concedida a uma empresa de economia mista denominada Companhia de Limpeza Urbana de Niterói (CLIN) que por sua vez a terceiriza para a empresa Econit a qual eu trabalho. Não encontrei uma data precisa de quando iniciou essa terceirização da coleta de lixo de Niterói.

em 487 562 habitantes, sendo a quinta cidade mais populosa do estado (IBGE, 2010). Além desses dados, seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é o maior do Rio de Janeiro e terceiro do país, classificada como a cidade com população mais rica do Brasil, por possuir 30,7 por cento dela inserida na classe A. Considerando as classes A e B, Niterói também aparece em primeiro lugar, com 42,9 por cento de sua população inserida nessas classes.

A cidade de Niterói é um dos principais centros financeiros, comerciais e industriais do estado do Rio de Janeiro, sendo a 12ª entre as 100 melhores cidades brasileiras para negócios. A cidade conta com um alto índice de investimentos, imobiliários e comerciários, tanto advindos da herança de ter sido, até a metade da década de 1970, a capital estadual, como por sua proximidade geográfica à cidade do Rio de Janeiro e pelo intenso desenvolvimento das atividades de exploração de petróleo *offshore* da Bacia de Santos e Bacia de Campos.⁸

Segundo dados do IBGE (2010), o Produto Interno Bruto (PIB) nominal de Niterói foi de R\$11,2 bilhões; figurando como o quinto município com maior PIB do Rio de Janeiro, além de ser o 45º município mais rico do Brasil. A cidade é o segundo maior empregador formal do Estado, embora ocupe o 5º lugar quanto ao número de habitantes, que correspondem a 4,11% do total da população da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

A cidade é dividida nas seguintes regiões – fato esse decisivo para a formação das equipes de trabalho na coleta de lixo.

Região	Nº de bairros	Bairros
Litoral da Baía	17	Boa Viagem, Cachoeiras, Centro, Charitas, Fátima, Gragoatá, Icaraí, Ingá, Jurujuba, Morro do Estado, Pé Pequeno, Ponta d'Areia, Santa Rosa, São Domingos, São Francisco, Viradouro e Vital Brasil
Norte	12	Baldeador, Barreto, Caramujo, Cubango, Engenhoca, Fonseca, Ilha da Conceição, Santa Bárbara, Santana, São Lourenço, Tenente Jardim e Viçoso Jardim.

⁸ Somente no setor de petróleo, a região responde por 70% do parque instalado fluminense do setor, concentrando desde empresas de offshore a estaleiros.

Oceânica	07	Cafubá, Cambinhas, Engenho do Mato, Itacoatiara, Itaipu, Jacaré,, Piratininga.
Pendotiba	10	Badu, Cantagalo, Ititioca, Largo da Batalha, Maceió, Maria Paula, Matapaca, Matapaca, Muriqui, Sapê e Vila Progresso
Leste	2	Rio do Ouro e Várzea das Moças
Total	48	

Tabela 1: Divisão por regiões de Planejamento. Plano Diretor do Município, 2012.

Grande parte da população da Região Metropolitana de Niterói trabalha na cidade do Rio de Janeiro, vizinha a Niterói. Constitui-se nesse caso uma migração pendular, que determina uma população flutuante na cidade de Niterói. Essa migração influencia a geração dos resíduos sólidos urbanos (PMRSN, 2012,). É preciso pensar nessa mobilidade populacional para a estimativa das taxas de produção per capita de resíduos.

A cidade de Niterói ocupa a terceira posição entre as que mais produzem lixo em todo Estado do Rio do Janeiro⁹ com uma produção de 700 toneladas diárias.

Para o PMRSN, 2012, define-se como resíduos sólidos:

qualquer substância ou objeto, no estado sólido ou semisólido, que resulte de atividades de origem urbana, industrial, de serviços de saúde, rural, especial ou diferenciada (p 23).

Embora no PMRSN (2012) conste a definição para cada tipo de resíduo coletado, irei apresentar aqui apenas a definição dos resíduos que o grupo de trabalhadores presentes neste estudo manuseia, como forma de compreendermos melhor os encontros possíveis com seu objeto de trabalho.

São eles **os resíduos sólidos**: aqueles comumente conhecidos como lixo, materiais sólidos, considerados “sem utilidade, supérfluos ou perigosos, gerados pela atividade humana...” (PMNRS, 2012, p.23).

Esses resíduos são classificados em subgrupos.

⁹ Volume de resíduos sólidos gerados em 2011 segundo o PMRSN.

Resíduos sólidos urbanos – são os resíduos domiciliares, comerciais, resíduos dos serviços de limpeza de logradouros públicos, como ruas e praças.

- a. **Resíduos domiciliares** – originário das residências, como restos de alimentos, revistas, jornais, garrafas, embalagens, etc.
- b. **Resíduos comerciais** – originário dos estabelecimentos comerciais, como supermercados, lojas, restaurantes, bares e etc.

Resíduos de serviço de saúde assépticos – resíduos similares ao resíduo sólido urbano. Resto de alimentos papéis e outros materiais que não entram em contato direto com pacientes ou com resíduos sépticos.

De acordo com a atual legislação¹⁰, a responsabilidade pelos resíduos sólidos é tanto dos órgãos municipais e estaduais como dos próprios geradores de resíduos, ou seja, de toda a população. A responsabilidade pelo serviço de limpeza urbana de uma cidade começa "em nossas próprias residências". A importância do acondicionamento correto do lixo produzido nas casas e comércios é fundamental para o funcionamento da coleta de lixo. Embora seja possível definir o tipo de acondicionamento tecnicamente mais adequado para cada situação, sua padronização é muito difícil porque tal atribuição é dos moradores da cidade. Cabe então aos órgãos públicos e a própria empresa responsável pela coleta de lixo orientar a população para que procure acondicionar, da melhor maneira possível o lixo gerado em cada domicílio.

Segundo o IBAM (2005), com relação à adequação do acondicionamento à coleta, o recipiente apropriado para lixo deverá:

- Atender às condições sanitárias;
- Não ser feio, repulsivo ou desagradável;
- Ter capacidade para conter o lixo gerado durante o intervalo entre uma coleta e outra;
- Permitir uma coleta rápida, aumentando com isso a produtividade do serviço;
- Possibilitar uma manipulação segura por parte da equipe de coleta.

Existe a necessidade de se transportar o lixo gerado já de alguma maneira acondicionado até o local indicado para a sua remoção. As duas alternativas mais comumente utilizadas são: acondicionados em recipientes ou em sacos próprios para o lixo.

Os recipientes devem ser:

- De ferro ou plástico duro;

¹⁰ Lei Federal 12.305/2010 (LEI ORDINÁRIA) de 02/08/2010 sobre normas, criação, política nacional, resíduo, objetivo, defesa, preservação, meio ambiente.

- Ter capacidade compatível com a coleta;
- Possuir alça e tamanho adequado;
- Possuir tampa;
- Não ter bordas ou arestas cortantes.

No caso de recipientes com mais de 100 litros, os coletores de lixo devem dispor de carrinho para o transporte até ao veículo coletor. Pode-se observar que alguns coletores de lixo preferem "rolar" os latões de 200 litros como forma de movimentação dos mesmos.

Edifícios e estabelecimentos de grande porte podem utilizar contenedores de maior capacidade providos de tampas e rodízios. Nesse caso o despejo dos resíduos é realizado de forma mecânica, utilizando o veículo coletor que possua dispositivo para basculá-los, conhecido como caminhão basculante.

Os recipientes sem retorno são colocados no veículo coletor juntamente com o lixo que contêm, sendo mais utilizados os sacos plásticos, com capacidade geralmente entre 20 e 100 litros, devendo apresentar espessura suficiente para não romper durante a coleta. Embora sejam ideais para o acondicionamento do ponto de vista sanitário e de agilização da coleta, os sacos plásticos apresentam os seguintes aspectos desfavoráveis: fragilidade em relação a materiais cortantes ou perfurantes; preço elevado que pode tornar inviável sua adoção pela população de baixa renda.

A limpeza urbana prevê, além da coleta por caminhão de resíduos gerados e armazenados nas residências, casas comerciais e outros estabelecimentos, a limpeza das ruas. No caso da empresa onde este estudo foi realizado, a limpeza das ruas, chamada de varrição, é exercida por funcionários concursados da Prefeitura de Niterói e não são objeto desse estudo. Porém, os coletores de lixo também utilizam equipamentos semelhantes aos que realizam a varrição, como carrinhos com rodas de borracha, vassouras e pás.

A limpeza urbana é vista predominantemente como fator de embelezamento das vias públicas. Mas o tratamento dos resíduos, dejetos e sua destinação final apropriada são essenciais à eliminação de focos transmissores de doenças e à preservação do meio ambiente.

3.2 - Organização do trabalho da coleta de lixo

Para conhecer a organização do trabalho da coleta de Niterói, foi realizada uma entrevista com o Engenheiro de Produção da empresa. O conteúdo dessa entrevista foi analisado levando também em conta as revisões bibliográficas, das cartilhas do Governo Federal e de outras instituições que presidem as normas e regras para a coleta e descarte dos resíduos urbanos.

A gestão de resíduos sólidos urbanos no Município de Niterói está concedida a uma empresa de economia mista denominada Companhia de Limpeza Urbana de Niterói (CLIN), que por sua vez, terceiriza parte de seu sistema de coleta à Econit Engenharia Ambiental. A esta foi concedida o credenciamento e a licença para coletar e transportar os resíduos sólidos das fontes geradoras de resíduos para as áreas de destinação final. O serviço prestado é público, mas a gestão da força de trabalho torna-se privada.

A Econit Engenharia Ambiental é uma empresa do Grupo Queiroz Galvão (2012), constando no site da empresa o seguinte texto:

Desde 1995 a Limpeza Urbana é uma das áreas de negócios do Grupo Queiroz Galvão. As atividades incluem também o desenvolvimento de projetos inovadores que contribuem para a melhoria da qualidade de vida e da saúde da população dos diversos municípios onde atua(www.queirozgalvao.com).

Dados do Ministério das Cidades, no Diagnóstico do Manejo de Resíduos Sólidos Urbanos (2010), apontam a produção de lixo na cidade de Niterói. A quantidade total de resíduos coletados foi de 177.724, neste mesmo ano. Sendo que a quantidade de resíduo domiciliar coletado foi de 166.999 e de resíduos públicos 10.725. Podemos observar que a quantidade de lixo domiciliar é de 93,9% do total, predominando na cidade o quadro de coleta de lixo domiciliar.

Ainda utilizando com referência os dados informados no Diagnóstico do Manejo de Resíduos Sólidos Urbanos (2010), a produtividade média dos coletores e motoristas é de 1.913,40 kg/(empreg/dia). Sendo que a massa (RDO+RPU)¹¹ coletada per capita (habitante humano) é de 1,0 kg/(hab x dia). Este último valor é de extrema importância para a área de Produção da empresa contratada, pois a partir dela pode-se

¹¹ RDO+RPU – Massa coletada per capita de resíduos sólidos domiciliares e públicos

calcular o número necessário de trabalhadores na execução da coleta de lixo domiciliar e comercial.

Para começar a pensar em um serviço de limpeza urbana é preciso identificar as características da cidade aonde irá se desenvolver a coleta. Um levantamento do número populacional é necessário juntamente com a estimativa de descartes de resíduos sólidos por pessoa. No caso de Niterói, segundo o Engenheiro de Produção da empresa responsável, cada pessoa no município de Niterói descarta 0,81 kg de lixo por dia. Além desse levantamento demográfico, é importante identificar os tipos de resíduos gerados (quarteamento do lixo) pela população, em função de diversos fatores, como por exemplo, a atividade dominante (industrial, comercial, turística, etc.), os hábitos e costumes da população (principalmente quanto à alimentação) e o clima.

Porém, as cidades se transformam. Até dentro de uma mesma comunidade, as características vão se modificando com o decorrer dos anos, tornando necessários levantamentos periódicos visando à atualização desses dados. Ha três áreas principais a investigar, segundo a Cartilha de Limpeza Urbana do IBAM (2005): características físicas, químicas e biológicas.

Características físicas

Composição gravimétrica	A razão entre o peso – expressa em percentual de cada componente – e peso total de resíduos. A determinação da composição gravimétrica dos resíduos é um dado essencial a ser obtido. No caso dos resíduos de origem domiciliar e comercial, normalmente dispostos em aterros, os componentes comumente discriminados são: matéria orgânica putrescível, metais ferrosos, metais não ferrosos, papel, papelão, plásticos, trapos, vidro, borracha, couro, madeira, entre outros.
	Peso dos resíduos em função do volume

Peso específico	por eles ocupados, expresso em kg;/m ³ . Sua determinação é fundamental para o dimensionamento de equipamentos e instalações;
Teor de umidade	Esta característica tem influência decisiva, principalmente nos processos de tratamento e destinação do lixo. Varia muito em função das estações do ano e da incidência de chuvas;
Compressividade	Conhecida como grau de compactação, indica a redução de volume que uma massa de lixo pode sofrer, quando submetida a uma pressão determinada. A compressividade do lixo situa-se entre 1:3 e 1:4 para uma pressão equivalente a 4 kg/cm ² . Tais valores são utilizados para dimensionamento de equipamentos compactadores.
Geração per capita	Relaciona quantidade do lixo gerado diariamente e o número de habitantes de determinada região. Muitos técnicos consideram de 0,5 a 0,8 kg/habitante/dia como a faixa de variação média para o Brasil.

Tabela 2 – características físicas do lixo, Cartilha do IBAM, 2005

Características químicas

Poder calorífico	Indica a capacidade potencial de um material desprender determinada quantidade de calor quando submetido à queima
Potencial de hidrogênio (pH)	Indica o teor de acidez ou alcalinidade do material;

Teores de cinzas, matéria orgânica, carbono, nitrogênio, potássio, cálcio, fósforo, resíduo mineral total, resíduo mineral solúvel e gorduras.	Importante conhecer, principalmente quando se estudam processos de tratamento aplicáveis ao lixo;
Relação C/N ou relação carbono/nitrogênio	Indica o grau de decomposição da matéria orgânica do lixo nos processos de tratamento/disposição final.

Tabela 3 – características químicas do lixo, Cartilha do IBAM, 2005

Características biológicas

O estudo da população microbiana e dos agentes patogênicos presentes no lixo urbano, ao lado das suas características químicas, permite que sejam discriminados os métodos de tratamento e disposição mais adequados. Nessa área são necessários procedimentos de pesquisa.

3.3.a - Quarteamento do lixo

No quarteamento, a massa de resíduos será dividida em quatro partes. Um dos quartos resultantes será escolhido para nova divisão em quatro partes e assim por diante. Através dele é possível obter:

- O peso específico;
- Médio peso líquido de lixo (em kg);
- $\text{Peso específico} = \frac{\text{peso líquido de lixo (em Kg)}}{\text{Volume total dos latões (em m}^3\text{)}}$;
- $\text{Peso Líquido de lixo} = \text{peso total dos latões cheios} - \text{peso próprio dos latões vazios}$

A destinação ou disposição final, como o próprio nome sugere, é a última fase de um sistema de limpeza urbana. Uma vez coletados, os resíduos são encaminhados ao Transbordo do Aterro Sanitário do Morro do Céu que fica no bairro do Caramujo, em Niterói, também, administrado pela Econit. No transbordo, o lixo advindo das coletas domiciliares é transferido dos caminhões compactadores para caminhões chamados “roll on-of”. Seguem então para seu destino final, o Aterro de Itaboraí, único local oficial de destinação final em solo, de todo lixo coletado pelo poder público na região.

O planejamento da coleta é composto por equipes com quatro garis e um motorista que coletam o lixo em áreas distribuídas por unidades regionais, denominadas distritos de coleta ou rotas, como as equipes de trabalho chamam. Segundo o Engenheiro de Produção, o tamanho de cada rota é dimensionado em 70 km e a quantidade de lixo de cada setor é mais ou menos 250 toneladas de lixo.

A coleta de lixo é realizada hoje por 204 coletores de lixo e 33 motoristas, todos do sexo masculino, que percorrem as ruas da cidade de segunda a sábado. A coleta é dividida em dois turnos: diurno e noturno.

O turno da manhã tem entrada às 06:50 e o turno da noite às 19:00 horas. A jornada de trabalho é de 8 horas por dia, porém nos dias “pesados” (são considerados dias “pesados” pelo acúmulo maior de lixo) como segunda-feira, terça-feira (para a coleta diurna) e sexta-feira, a jornada pode ultrapassar as 10 horas de trabalho. As equipes de coleta de lixo esforçam-se para fazer a execução do serviço o mais rápido possível, já que quanto mais rápido coletarem o lixo da rota estipulada mais cedo voltam pra casa.

Niterói possui 33 setores de coleta no turno diurno. Cada equipe diurna fica responsável por coletar em duas rotas distintas, em dias alternados: **Trecho A** – 2a, 4a e 6a; **Trecho B** – 3a, 5a e sábado.

No turno da noite são 14 setores (diferentes do turno diurno). Total de 47 setores. Para exemplificar a divisão dos setores, utilizarei a Tabela 5 como referência, que segue o Plano Municipal de Resíduos Sólidos de Niterói.

Região	Coleta Diurna	Coleta Noturna
Praias da Baía	Cachoeiras, Morro do Estado, São Francisco, Viradouro.	Boa Viagem, , Centro, Charitas, Fátima, Gragoatá, Icaraí, Ingá, Jurujuba, Pé Pequeno, Ponta d'Areia, Santa Rosa, São Domingos, e Vital Brasil
Norte	Baldeador, Barreto, Caramujo, Cubango, Engenhoca, Fonseca, Santa Bárbara, São Lourenço, Tenente Jardim e Viçoso Jardim	Iha da Conceição, , Santana, São Lourenço,
Oceanica	Cafubá, Camboinhas, Engenho do Mato, Itacoatiara, Itaipu, Jacaré, Jardim Imbuí,	

	Maravista, Piratininga, Santo Antônio e Serra Grande.	
Pendotiba	Badu, Cantagalo, Ititioca, Largo da Batalha, Maceió, Maria Paula, Matapaca, Muriqui, Sapê e Vila Progresso	
Leste	Rio do Ouro e Várzea das Moças	

Tabela 4 – Organização das regiões por coleta de lixo realizada pela Econit

Para muitos trabalhadores da coleta, o trabalho diurno é visto como benéfico, principalmente por parte dos motoristas de caminhão. Eles classificam o turno diurno como “mais leve”, pois o trabalho no turno da noite implica em alterações do sono, da rotina familiar. Além disso, as rotas diurnas são compostas pelos bairros mais afastados do centro urbano e muitas das vezes em comunidades, o que faz com que o volume de lixo seja menor.

Na coleta noturna não há divisão de rotas, ou seja, cada equipe faz a coleta de lixo nos mesmos bairros todos os dias. A maioria dos bairros em que há coleta noturna compõem as regiões chamadas de Praias da Baía, onde se localizam o centro administrativo e comercial da cidade e as áreas habitacionais consideradas nobres. O grande número de prédios e o trânsito excessivo faz com que a coleta seja considerada “pesada”. Em dias de grande acúmulo de lixo, como segunda-feira, uma equipe que sai para a rota às 19:30 pode retornar à empresa às 06:00 da manhã.

As equipes, independentemente do horário de trabalho, sempre reivindicam permanecer nas mesmas rotas e pedem que não haja alterações nas equipes de trabalho, pois essa estabilidade permite com que se tornem conhecidos pelos moradores e comerciantes locais.

Uma vez na rota, um dos coletores realiza a “puxada”. Essa “puxada” é realizada em locais de difícil acesso, onde o caminhão compactador não consegue entrar para realizar a coleta. Dessa forma o coletor escolhido para ficar na “puxada”¹², “puxa” o lixo para um local de mais fácil acesso, centralizando em um local único. A

¹²Na maioria das vezes, o coletor responsável pela “puxada” sai da empresa em outro caminhão (outra equipe) e é deixado em um local próximo ao início da rota de sua equipe para a realização da coleta de lixo. A forma de divisão do trabalho nas equipes de coleta é feita pela própria equipe. A cada semana um coletor fica responsável pela “puxada” da rota.

seleção do melhor local a ser concentrado o lixo é feita em consenso entre coletores e motoristas. A “puxada” também é realizada em ruas onde a coleta é de ambos os lados: um coletor vai à frente “puxando” o lixo das casas. A tarefa prescrita é que a coleta deva ser realizada de porta em porta, o que segundo os coletores “levaria horas”.

3.3 – A Organização do trabalho e o Programa de Ginástica Laboral

O meu encontro com os coletores de lixo deu-se a partir da solicitação da empresa de coleta de lixo domiciliar de Niterói, Município do Rio de Janeiro, de fazer parte da implantação do Programa de Ergonomia e Qualidade de Vida no Trabalho. Como parte do Programa foram propostas aulas de Ginástica Laboral de Aquecimento.

O Programa foi realizado a partir da Análise Ergonômica do Trabalho realizada pelo departamento médico da empresa, juntamente com as minhas observações da atividade de trabalho e conversas, ao longo da implantação do Programa, com os coletores e motoristas.

A prática física acontece nos dois turnos da empresa: diurno e noturno antes da jornada de trabalho.

Como uma das formas de familiarizá-los às questões de segurança, criamos, juntamente com o SESMT (Serviço Especializado de Segurança e Medicina do Trabalho) da empresa, um Grupo de Teatro. Esse Grupo é formado por trabalhadores tanto do setor operacional quanto administrativo. Os ensaios acontecem a partir de setembro de cada ano para que uma peça teatral possa ser apresentada a toda a empresa na SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes), evento realizado todo final de ano. Além de atividades lúdicas, como jogos cooperativos, comemorações de datas especiais, como Dia do Gari, Dia do Motorista, Natal, enfim, todas as datas comemorativas de relevância são comemoradas, seja em parceria com a empresa ou apenas por minha conta.

Todo dia eles fazem tudo sempre igual¹³ (ambos os turnos), batem o cartão e encontram-se no pátio central, hoje não mais com uniforme laranja, a empresa agora adota um uniforme verde. Os coletores se autodenominam “os marcianos” ou “os

¹³ Lembrando Chico Buarque com sua música Cotidiano.

verdinhos”. Anu, Xaropinho, Patati, Patata (são os irmão gêmeos), poucos nomes são ouvidos, o que escutam são as brincadeiras e gargalhadas a espera de mais um dia. O Técnico de Segurança e o Encarregado (chefe direto responsável pela gestão das equipes) aproximam-se pedindo que todos fiquem em círculo, para dar início ao Diálogo Diário de Gestão Integrada (DDGI). O objetivo deste diálogo é falar sobre segurança no trabalho e lembrá-los dos riscos que a atividade os remete.

Depois dessa breve reunião é o momento da oração, todos de cabeça baixa e boné nas mãos, onde um deles faz a oração, abençoando e protegendo aqueles que iniciam mais uma jornada de trabalho e pedindo por aqueles que estão enfermos e familiares. A oração é finalizada com palmas. Até aqueles que não possuem religião fazem dessa rotina algo obrigatório.

A seguir é hora da Ginástica: formam filas (um total de 6 filas) em que cada um tem seu lugar cativo. Há aqueles que não dispensam ser o primeiro da fila como aqueles que preferem serem os últimos. Na coleta noturna, a equipe da praia, em torno de 15 coletores, 4 operadores de trator e 1 motorista, formam sempre uma fila separada. Os outros coletores falam: “*A fila do canto é da praia*”.

A aula de Ginástica dura 10 minutos e o intuito é prepará-los para mais uma jornada de trabalho, com exercícios de alongamento que visam compensar as estruturas corporais mais utilizadas. A ideia é de reduzir os afastamentos por lesões musculares. Hoje o índice de afastamento por esse tipo de licença se reduziu para zero, antes o mesmo estava em 10%¹⁴.

Ao término da Ginástica as equipes começam a se formar. Os motoristas vão para a sala dos Encarregados, pegar cada um suas folhas do Relatório Diário (RD): neste documento eles devem relatar tudo o que acontece na rota. O RD é considerado como aliado em situações onde é colocada em dúvida a postura de um membro da equipe diante de algum ocorrido na rua. Os coletores desaparecem por alguns momentos, uns são vistos nos fundos da empresa, outros na mata em torno da empresa: estão pegando suas ferramentas de trabalho, pás improvisadas com tábuas de madeira, vassouras, tudo é escondido para que ninguém pegue.

Não há como evitar a correria, a pressa em sair e chegar à rota é grande. O caminhão sai com 3 coletores atrás, pendurados na traseira do caminhão, no chamado estribo e 1 na frente, na cabine com o motorista.

¹⁴ Fonte fornecida pelo SESMT da Empresa Econit

A Ginástica Laboral acontece há 8 anos na Econit. Logo no primeiro dia de contato com os coletores de lixo muitos relataram o seu cotidiano de trabalho, com os desgastes físicos e psíquicos que sofrem todos os dias. Desde então me senti ligada a esse grupo, também como terceirizada, diversos laços foram se construindo.

O contato diário e de forma efetiva com esses trabalhadores, fizeram com que algumas inquietações surgissem. Fui percebendo a potência existente, do conhecimento único das artimanhas do trabalho, observando que ao desenvolverem ferramentas para ação são capazes de transformar todas as adversidades em prol de um trabalho mais realizador.

E foi pensando nisso que chegamos a Clínica da Atividade.

Capítulo 4 - Clínica da Atividade e a Oficina de Fotos como instrumento de diálogo

“sinto- me bem, observa Canguilhem, na medida em que sou capaz de arcar com a responsabilidade de meus atos, de trazer coisas para a existência e de criar entre elas relações que, sem minha intervenção, não teriam existido”.

(Clot, 2010, p.07).

Escolhemos como base teórico-metodológica a Clínica da Atividade. Segundo Faitã (2003) a Clínica da Atividade “representa uma abordagem da análise do trabalho centrada numa perspectiva dialógica e do desenvolvimento, que busca intervir na situação favorecendo transformações na atividade e restabelecendo o poder de agir dos coletivos de trabalho” (p. 28).

Pretendemos dessa forma buscar identificar e desenvolver, através dos métodos da Clínica da Atividade, os sentidos para os coletores de lixo em se trabalhar com o lixo, pensando nos encontros entre o corpo dos coletores e o lixo. E também o que esse objeto de trabalho traz como consequência para esses corpos, para a subjetividade. O poder de ser afetado que, em maior ou menor grau, está à disposição de cada um em função da sua história singular. (Clot 2010).

Defrontamos-nos com os conceitos clássicos da ergonomia e psicologia do trabalho como prescrito e real; tarefa e atividade, pois segundo Santos (2006) “... já não dão conta de todas as dimensões das situações de trabalho contemporâneas, para estes conceitos permanecerem vivos é necessário retrabalha-los, discuti-los” (p.35) com isso Clot propõe em se pensar os conceitos clássicos da ergonomia estando o real e a atividade de um lado e o prescrito e tarefa do outro (Santos 2006). Essa constituição dupla de conceitos nos faz pensar a atividade de trabalho como uma atividade para os outros, a atividade como sendo triplamente dirigida: “... na situação vivenciada, ela não é somente dirigida pela conduta do sujeito ou dirigida através do objeto da tarefa, ela é também dirigida para os outros” (Clot 1999, p.98). Muito disso é visto na própria fala dos coletores de lixo quanto ao endereçamento de sua atividade, da importância da sua atividade para a população, para a cidade. Com isso não podemos deixar de pensar o lugar que o outro ocupa na atividade profissional, já que concordamos que “toda atividade é endereçada, dirigida, simultaneamente, para

seu objeto e para as outras atividades que incidem sobre esse objeto, sejam elas do outro, ou ainda, de outras atividades do sujeito.” (Clot, 2010, p.07).

Podemos dizer que toda atividade profissional é uma co-atividade, no sentido que é sempre uma resposta à atividade dos outros “não se trata da existência de uma oposição, a atividade dos outros não é ‘inimiga’, a nossa atividade é que se define, cristaliza, organiza na atividade dos outros, com a atividade dos outros, contra a atividade dos outros, apoiando-se ou aproximando-se da atividade dos outros. A atividade profissional constrói-se sempre no universo da atividade dos outros.” (Santos 2006, p.45).

O que tradicionalmente é chamado de atividade, em oposição à tarefa, é colocada por Clot como atividade realizada e real da atividade, sendo a primeira o que se faz, ou como diz Santos, (2006) “uma ínfima parte do que é possível” (p. 36) e o real da atividade é aquilo que não se pode fazer, que se gostaria de fazer. A Clínica da Atividade busca compreender as relações entre a tarefa, a atividade realizada e o real da atividade, “... o caminho de conflitos e decisões que se interpõe entre a prescrição e o que ocorre na realidade do trabalho” (Osório 2005, p.89).

Para que o trabalhador faça sua atividade com qualidade, ele precisa estar ativo, para isso a energia que o faz agir é a controvérsia, é mostrar que ele é capaz de transformar seu ambiente de trabalho, tornando-o mais ativo, com mais possibilidades de ação. É em um espaço para a controvérsia e discussão que gera a transformação e buscamos isso através dos métodos da Clínica da Atividade.

4.1 - Forma de intervenção – Oficina de Fotos como instrumento de diálogo

Os métodos da Clínica da Atividade fazem com que os trabalhadores em questão se ponham imersos na atividade de observação e interpretação da sua situação de trabalho em colaboração com seus pares.

Escolhemos como método para análise do trabalho a Oficina de Fotos (Osório 2010), em que os próprios trabalhadores utilizam-se dos recursos fotográficos para registrarem imagens de situações do trabalho.

A máquina fotográfica aqui é colocada como um instrumento propiciador do diálogo obtido pelos registros fotográficos. A maneira como a utilização da máquina fotográfica se dá na Oficina de Fotos pode ser vista de diversas formas. A máquina fotográfica considerada uma ferramenta, quando utilizada como parte de um ofício,

como um fotógrafo profissional, produz efeitos que não são os mesmos quando lhe é atribuída o papel de disparador do diálogo, como na Oficina de Fotos. Foi dado um novo sentido e função para a máquina fotográfica. A máquina fotográfica é então para nós um instrumento de produção da situação de intervenção e pesquisa.

Para Rabardel (1999), os instrumentos materiais permitem ao sujeito estabelecer uma transformação da realidade externa da mesma forma que transforma a si mesmo.

Clot (2010) incorpora a discussão de Rabardel, acerca da transformação das ferramentas em instrumentos, à Clínica da Atividade.

Ele (o sujeito) transforma seu organismo fisiológico, quase sempre, à sua revelia, em um corpo vivido, verdadeiro órgão funcional de sua atividade. Dotado dessa sensibilidade, ele forma um só com a matéria (*il fait "corps avec la matière"*), que se torna não só o objeto de sua atividade, mas seu meio, constituindo assim o instrumento de sua vitalidade. Esse processo de instrumentação e instrumentalização... o sujeito forma um todo com seus instrumentos (p.19).

Desde os primeiros movimentos de negociação para a realização da pesquisa intervenção foi utilizado o diário de campo, para registro de observação das atividades dos coletores, como também para situações em que eramos “convocadas” por eles para participar e compartilhar conversas referentes à coleta de lixo, ao cotidiano de trabalho deles e até mesmo sobre situações pessoais. Na metodologia da Clínica da Atividade, como ocorre de modo geral nas pesquisas em que há intervenção em um campo empírico, supõe-se que a entrada em campo se dê por um período de observação. Realizando uma pesquisa que faz parte do trabalho da profissional de Ginástica Laboral, o período de observação teve início antes de se pensar a pesquisa. Foi a partir das inquietações da profissional de Educação Física quanto ao significado desse ofício, o significado para esses trabalhadores em trabalhar com o lixo, que se desenvolveu a pesquisa.

A observação inicial foi feita ao longo da minha prática com os coletores. Essa observação é necessária para estabelecer um contato com o campo, ter uma visão geral do ofício. Para, desta maneira ter um entendimento que me permitisse definir os detalhes do projeto da pesquisa.

Na observação já está havendo a intervenção. O meu envolvimento com o ofício da coleta de lixo se deu em vários aspectos. Nos bate-papos que antecedem as aulas de Ginástica Laboral, no conhecimento das práticas da atividade de coleta de

lixo. Morei num bairro distante da empresa e muitas vezes a equipe que realizava a coleta de lixo da rua onde morava me oferecia carona. Ia com eles no caminhão até minha casa. Com isso, vivenciava várias situações do trabalho com cada um deles me explicando em detalhes o funcionamento do caminhão, a dinâmica da coleta de lixo, do trânsito. As minhas observações quanto à atividade de coleta de lixo se enriqueceu quando foi compartilhada com eles, quando no meu ato de observação e de discussão quanto à atividade fiz com que eles também se observassem, o que me rendeu e rende até hoje grandes momentos de discussões quanto ao ofício de coletor de lixo.

A utilização da Oficina de Fotos veio como “um processo de construção de visibilidade” (Sato 2009, p.217). Para esses trabalhadores, uma vez que suas maiores queixas são de “serem invisíveis”, a utilização do recurso fotográfico não só como mediador das situações de trabalho ou disparador das controvérsias de trabalho, foi, antes de qualquer coisa, para eles, uma forma de visibilidade. O deslocar de olhares introduzido pela utilização dos métodos de intervenção, como a Oficina de Fotos, deslocam os olhares para fora por alguns instantes, como se aquele que figura a sua frente não fosse ele mesmo. Através do registro da sua própria atividade e dos seus pares desloca-se esse olhar para a realização da atividade. O trabalhador se coloca em outra posição, como sendo o protagonista da ação, da atividade, e detentor do saber-fazer.

O objetivo da Oficina de Fotos é que os trabalhadores se utilizem de outras maneiras, além das habituais, de pensar e dizer sua atividade.

Outro ponto importante na escolha deste dispositivo foi à acessibilidade ao recurso fotográfico, às fotos poderiam ser tiradas com o telefone celular de cada trabalhador.

4.2 - Oficina De Fotos – A preparação da intervenção

Como parte da dissertação, saímos para campo utilizando a metodologia e os métodos da Clínica da Atividade. Como método, escolhemos a Oficina de Fotos. A proposta era de discutir com os trabalhadores como é, para eles, trabalhar com o lixo, uma demanda que vem do pesquisador.

Na minha construção profissional sinto essa necessidade de aprofundar algumas discussões: quanto ao papel da Ginástica Laboral no ambiente de trabalho,

como as outras atividades que realizo com eles, como atividades em grupo, grupo de teatro, entre outras. Que efeito produzem essas atividades?

Será que, como encontrei na revisão bibliográfica o encontro entre corpo e lixo leva a se tornarem um só, uma coisa só: lixo e lixeiro se confundem?.

Tudo se inicia com uma demanda que é minha, como profissional, para desenvolver o meu próprio trabalho em prol de um desenvolvimento do trabalho deles. Dada essa situação houve a preocupação de como isso ia chegar a eles, pois não foram eles que me pediram uma pesquisa, ou uma Oficina de Fotos. Com isso precisamos produzir nesse grupo que vai ser formado a demanda necessária para que possamos, através das discussões relacionadas às situações do trabalho, dialogar.

Escolhi não estar sozinha nessa intervenção. E foram diversos os motivos. Primeiro, pelo longo percurso dentro da empresa, por estar muito “dentro” de todos os acontecimentos. Sendo solicitada muitas vezes pelos trabalhadores como aquela que os escuta e compreende na fala deles: *“a professora sabe como é nosso trabalho lá fora...”*.

Devido a isso tive certo receio se haveria um real diálogo sobre a atividade de coleta de lixo, ou se para eles estaria implícito que eu já sabia tudo sobre o ofício de coletor de lixo. Convidei então uma colega de turma do Mestrado, Emanuelle Aguiar Pacheco, psicóloga e uma bolsista da iniciação científica, em vias de término do curso de psicologia, Mariana Dias¹⁵ para trabalharem comigo na intervenção. Assim foi formada a equipe que iria juntamente comigo realizar a primeira intervenção na empresa de coleta de lixo.

Mas ainda havia outras situações a serem pensadas.

Os trabalhadores em foco nesse estudo somam um contingente de 204 homens divididos em 2 turnos. Como escolher os participantes das Oficinas? Pensamos em trabalhar com uma equipe fechada, motorista e coletores de um mesmo caminhão. As equipes geralmente são formadas por 4 coletores de lixo e 1 motorista, para isso decidi convidar uma equipe, do turno do dia, já identificada como sempre engajada em atividades na empresa. O motorista e um coletor dessa equipe fazem parte do grupo de teatro da empresa, que se apresenta há 4 anos durante a Semana Interna de Prevenção de Acidentes. Além disso, essa equipe é formada por trabalhadores que estão há muitos anos na empresa.

¹⁵ Durante toda a intervenção os coletores de lixo as chamavam de “as psicólogas”. Agradeço a elas pela participação, incentivo e ajuda.

Escolhida a equipe passamos pelo processo, talvez mais delicado, que seria a liberação por parte das Gerências para a execução da Oficina. Foi elaborado um documento explicando a metodologia e o método a ser utilizado, com muito cuidado, pois utilizaríamos fotos, tiradas pelos próprios trabalhadores, de situações diversas durante a jornada normal de trabalho. Em uma das muitas conversas com a Gerência ficou claro a possibilidade de ação que estaria prestes a ocorrer nesses encontros, ações essas de provocações e confrontações com situações de trabalho. Segue o comentário de um dos Gerentes: *“você sabe que não há controle quanto ao que se pode gerar com essas discussões?”*.

O argumento utilizado em defesa da realização da pesquisa sempre foi o de valorizar o trabalho em equipe e levantar questões relacionadas à segurança no trabalho. Tínhamos consciência de que dali, a partir destes encontros, poderia surgir situações e assuntos inesperados, mas pensávamos que estávamos preparadas para isso. Depois de 6 meses de muita negociação tivemos a liberação para realizar a pesquisa e começou outra etapa: a divulgação.

Precisávamos agora do apoio das chefias imediatas dos coletores de lixo, os Encarregados de produção, até porque a ideia era que os encontros para análise coletiva das fotos acontecessem no início da jornada, depois que todos batessem o ponto¹⁶. Nesse dia não ocorreriam as atividades habituais de DDGI e Ginástica. Porém “o bater o ponto” era de extrema importância para não prejudicar os envolvidos com questões de atraso, o que resultaria em problemas no final do mês. Lançamos mão novamente dos recursos escritos, documento em mãos e para eles (os Encarregados) o mais importante, o cronograma da pesquisa, pois era preciso mostrar que os encontros não iriam atrapalhar a rotina da coleta de lixo. Mas ao término das minhas explicações, ouvi de ambos os encarregados, perguntas que mostravam sua simpatia para com a proposta: Encarregado 1, *“Por quanto tempo?”* *“Quantos dias?”* *“Quantas equipes?”*. Encarregado 2, *“Vocês não querem fazer com duas equipes ao mesmo tempo?”*. Encarregado 1, *“Tenho algumas equipes pra indicar para vocês...”*.

De repente a situação começa a se tornar outra, a demanda que antes pertencia à pesquisadora, com intuito acadêmico, vai tomando outro caminho, as demandas vão

¹⁶ O registro de entrada e saída da empresa é digital, eles tem 20 minutos de tolerância para digitalizar a entrada, no horário de 06:50 às 07:10. Eles chamam esse registro de “bater o ponto”.

se formando e aos poucos começa por toda a empresa um burburinho: “as psicólogas estão chegando...”.

Os encontros foram marcados, a equipe escolhida foi chamada e conversei com eles sobre o propósito do estudo e se eles aceitariam participar. A resposta era a que eu esperava: sim.

Durante o Diálogo Diário de Gestão Integrada (DDGI), conversas que acontecem todos os dias após todos os trabalhadores baterem o ponto, abordando questões sobre segurança e sobre as tarefas a serem realizadas ao longo desse novo dia que se inicia, apresentaram então o que seria essa “*vinda das psicólogas*” e que nesse primeiro momento o trabalho com fotos seria realizado apenas com uma equipe previamente escolhida.

Com base na formulação do cronograma, a intervenção seria realizada ao longo de 5 encontros e todos aconteceriam nas quintas-feiras, pois é o dia mais “leve” da coleta de lixo, ou seja, a equipe poderia sair um pouco mais tarde, pois a quantidade de lixo a ser coletados não é tão grande. Porém, antes do primeiro encontro era preciso apresentar as psicólogas envolvidas, Emanuelle e Mariana, a todos: aos encarregados, aos trabalhadores envolvidos na pesquisa e, é claro, aos outros trabalhadores.

O primeiro encontro com a equipe que participaria da Oficina de Fotos foi marcado para o dia 14 de junho. No dia anterior as psicólogas foram à empresa para conhecer e serem apresentadas aos envolvidos. A chegada das psicólogas causou um alvoroço, cochichos rodavam pelos cantos, muitos me abordavam, perguntando: “*professora, quando vai ser a gente?*”.

Foi realizada a apresentação da equipe de pesquisadoras aos encarregados, que deram sequência às rotinas diárias. Neste dia, o encarregado, durante o DDGI, fez a apresentação das psicólogas de uma maneira única:

Bom dia rapazes, hoje temos aqui a presença de duas psicólogas que, juntamente com a prof^a Alessandra, vão iniciar um estudo com a equipe do Maluquinho. É de muita importância a presença delas aqui, porque elas vão tentar mostrar a todos que nosso trabalho é um trabalho digno, que as pessoas lá fora não nos vê assim, desvalorizam o nosso trabalho, não é porque trabalhamos com o lixo que somos sujos. Elas estão aqui pra ajudar a mostrar que não é assim, pra mostrar a importância do nosso trabalho. (Diário de Campo, 13 de Junho de 2012)

Uma onda de esperança, comoção e envolvimento acometeu todo o grupo ao fim dessa conversa, o que antes estava sendo dito entre eles em cochichos agora

assume outra postura, muitos foram cumprimentar as psicólogas, apertos de mão, abraços, o contato físico e a troca de afeto realizado na maneira mais sublime que nos remete há outros tempos, ali as psicólogas já começavam a ser parte integrante desse grupo.

4.3 - Reconhecer-se em algo

O primeiro dia do encontro foi marcado por muita ansiedade por todos, chegamos às 06:45 e fomos para o local reservado para o encontro: a sala das reuniões da CIPA. Montamos uma mesa com um pequeno café da manhã, com biscoitos e sucos. Pouco a pouco foram chegando, um, depois outro. Em semanas “normais”, na quinta-feira, os uniformes usados são, geralmente, os mais velhos, surrados ou estão um pouco sujos devido ao fim da semana se aproximando, o que expõe a dificuldade diária do ofício. Mas nesse dia foi diferente. Todos estavam de uniformes devidamente limpos e completos (o uniforme é composto por boné, luva, calça, blusa e botina).

Começamos oferecendo o lanche, mas nenhum deles aceitou. Então demos início ao nosso encontro. Comecei apresentando a proposta, dizendo que eles estavam sendo convidado a participar de uma pesquisa referente ao mestrado da Universidade Federal Fluminense e que a empresa estava como parceira. E que tudo que ali fosse dito permaneceria entre nós.

Informei que o estudo (de campo) seria composto por encontros semanais totalizando cinco encontros: os dois primeiros ocorreriam com intervalos de uma semana, enquanto os três restantes aconteceriam seguidamente, na quarta, quinta e finalizaríamos na sexta. Nestes encontros seriam postos em discussão algumas situações de trabalho. Para que eles pudessem apresentar para nós, pesquisadoras, como é trabalhar na coleta de lixo, utilizaríamos como dispositivo, para desencadear essas discussões, fotos. Para isso, cada trabalhador iria tirar fotos que representassem para eles o sentido em se trabalhar com o lixo. Cada trabalhador iria escolher as fotos para serem apresentadas ao grupo. Fotos devidamente produzidas, seria a hora de todo o grupo escolher quais fotos iriam fazer parte do mural, que eles mesmos iriam confeccionar, para ser exposto na SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes)

e que isso seria a nossa visibilidade, a nossa possibilidade de reivindicação, por isso as fotos deveriam ser muito bem pensadas.

Depois das explicações básicas sobre confidencialidade, mestrado e pesquisa passamos para as apresentações. Todos deveriam se apresentar com nome, idade, tempo de trabalho na empresa. As apresentações começaram conosco: me apresentei, depois Emanuelle, Mariana e chegou a vez dos trabalhadores: Antonio Marcos, mais conhecido como Bala Perdida, coletor de lixo há 14 anos na empresa; Jorge, coletor de lixo há 15 anos na empresa; Eduardo, coletor de lixo que está retornando depois de 6 meses fora; Wanderson, famoso Maluquinho, completando 10 anos de empresa, foi coletor de lixo e segundo ele: *“Graças a Deus teve a oportunidade”* e hoje é motorista; e Wellington, 2 anos de empresa, coletor de lixo. O que nos chamou a atenção é que quase todos, exceto Eduardo, ao se apresentarem nos relataram o primeiro dia de trabalho, a primeira impressão que tiveram ao chegar em uma empresa de coleta de lixo.

Para Antonio Marcos, a lembrança do primeiro dia na coleta de lixo *“era um tempo chuvoso”* e uma das coisas que lhe chamou a atenção foi o momento em que ele colocou o uniforme, que para ele foi descrito assim: *“Meu Deus, que roupa de cenoura é essa?”* (na época o uniforme era todo laranja)

Nesse mesmo dia um caminhão (caminhão compactador de lixo) havia tombado e como ele nos contou:

“todo o lixo estava despejado no chão para poder bater pra dentro de outro caminhão... quando olhei aquela montanha de lixo... sinceramente me deu vontade de desistir... aí o que acontece... eu olhei assim... olhei para o céu... chovendo, meu Deus o que estou fazendo aqui... trabalhei no Projac, meu Deus que que eu to fazendo aqui... eu vou embora...aí um colega falou assim - o que que foi Ném? - Lá onde eu moro me chamam assim, Ném, aí eu falei assim, eu to olhando esse monte de lixo aí nunca pensei que ia trabalhar nisso. Mas com o tempo fomos acostumando, acostumando, acostumando e hoje eu vejo que é gratificante ver a cidade que trabalhamos limpa...tem dias sabe que a gente olha pra trás quando estamos coletando, que olha pra trás assim...poxa que diferença que dá na cidade a frente tá sujo e olha pra trás...as pessoas discrimanam o nosso trabalho, achando que nós somos imundos que nós somos sujos, poxa nós não somos isso, isso é uma coisa muito ruim...mas tem pessoas que falam parabéns vocês são importantes para nós”.

Para a Clínica da Atividade é importante o trabalhador se reconhecer em algo *“para poder suportar as desilusões próprias da busca de reconhecimento endereçada ao outro”* (Clot 2010, p.289). Reconhecer-se no que se fez é estar seguro tanto da

utilidade social do serviço como de sua qualidade. Acreditamos que o mais importante é pensar em “chegar ao ponto de se interessar pelo ofício do indivíduo e não apenas pelo indivíduo no ofício definido.” (Clot 2010, p. 285).

Depois da rodada de apresentação realizamos um quebra-gelo: uma atividade utilizando dois dados (Anexo 1). Os dados foram feitos por mim e por Emanuelle, utilizando material que iria para o lixo, caixas de papelão deixadas pelos supermercados. Utilizamos papeis laminados e letras coloridas para sua confecção. Em um dos dados em seus lados estavam às palavras CURTO e NÃO CURTO, no outro dado as palavras FAÇO e NÃO FAÇO. Os dados são jogados ao mesmo tempo e o comentário do participante deve conter informações referentes ao par que resultou do lançamento dos dados. Por exemplo, para o coletor Wellington caiu o par CURTO e NÃO FAÇO. Ele respondeu que curte dirigir o caminhão, mas não dirige, mas que ele quer começar a aprender. Finalizamos o encontro com um bom *papo* em torno da mesa de lanche.

O segundo encontro contou com a presença de todos, menos do Eduardo. Ele se afastou do trabalho, ninguém soube (ou não quiseram) nos dizer o que acontecera, a causa desse afastamento, se ele havia se machucado ou algo assim. Este segundo dia estava previsto para o início do registro fotográfico das situações de trabalho que, para eles, representariam melhor seu trabalho. A pergunta a ser respondida pelas fotos era: o que para eles significa trabalhar com o lixo.

Reunimos-nos mais uma vez na sala de reunião e começamos com um exercício montado por nós, a que chamamos de “A arte de perceber”. Com o auxílio de um *data show*, foram apresentadas imagens de figura e fundo projetadas na parede da sala de reunião. (Anexo 2)

O objetivo desse exercício é estimular a possibilidade de perceber as coisas de diferentes maneiras. Através da percepção é possível organizar e interpretar as impressões sensoriais para atribuir significado ao meio que está a nossa volta. A percepção consiste na aquisição, interpretação, seleção e organização das informações obtidas pelos sentidos.

A ideia da apresentação era o de poder olhar o que é comum, de todo dia, de uma forma diferente e poder assim ver uma nova situação. Um aprendizado de percepção, achamos que era preciso que eles saíssem dali com outro olhar, outra percepção daquilo que os cerca no ambiente de trabalho, olhar o novo naquilo que está ali há muito tempo, nem sempre na mesma posição, nem sempre no mesmo local.

Às vezes as situações de trabalho passam e não conseguimos perceber, seja por causa do ritmo acelerado da atividade ou porque não apuramos nossos sentidos para isso, ou simplesmente porque não queremos nos permitir a isso. Achemos que esse exercício seria bom para as fotos, pois existem situações do dia a dia de trabalho que são deixadas de lado, mas que se olharmos por outro viés poderemos ver diversas novas situações, conseguir ir além daquilo que se mostra no primeiro momento.

Com a apresentação, eles teriam que observar a imagem, analisar a imagem, em que posição está o que está por trás dela, o que ela significa. O mesmo com as fotos, para que dessa forma não tirassem fotos de tudo e qualquer coisa, mas sim daquela situação que é percebida nos vários sentidos. Uma mesma imagem pode ter mais de um significado, conseguir ir além daquilo que nos mostra inicialmente, tentar perceber na imagem algo além.

Não podemos deixar de lembrar que cada um vai perceber de uma forma diferente, que cada um observa as coisas diferentes, que cada um tem uma história de vida diferente. Como temos uma história de vida muito particular acabamos nos tornando indivíduos diferentes do outro e é isso que nos faz único.

Com o término da apresentação, entreguei ao motorista uma máquina digital, pois dois coletores não estavam com seus celulares¹⁷. Dessa maneira eles utilizariam a câmera digital - os outros estavam com seus celulares - podendo registrar as fotos utilizando o aparelho. E assim foram para a rua.

No terceiro encontro, montamos, como em todos os encontros, a mesa de lanche. Diferentemente dos outros dias não houve a necessidade de realização de nenhum quebra-gelo, a equipe já estava integrada com as pesquisadoras, se sentindo mais confortável e segura com a nossa presença. As fotos tiradas por todos foram passadas para o computador. A maioria das fotos estava na máquina digital. Somente um coletor tirou fotos do próprio celular, sendo essas tiradas ao término do primeiro encontro.

As fotos foram escolhidas em grupo, ou seja, toda a equipe participou do processo de escolha, pois todos participaram do ato de fotografar e da construção da cena para as fotos. A equipe foi decidindo os encaminhamentos das fotos, independente de quem as tirou, a escolha de qual situação de trabalho registrar foi

¹⁷ Esses dois coletores ficaram em todo o percurso da coleta de lixo com o motorista, ou seja, atrás do caminhão, dessa forma a máquina estaria no caminhão para que todos pudessem utilizá-la

feita a partir do consenso de todos. Neste dia então foram apenas escolhidas as fotos para que no dia seguinte fossem discutidas.

No quarto encontro foram apresentadas as fotos para que eles pudessem discutir o motivo pelo qual as escolheram. Nesse momento da escolha das fotos, nós, pesquisadoras, discutimos com eles cada foto e o motivo pelo qual as escolheram, para que eles nos explicassem o pretendiam nos dizer com aquelas imagens.

4.4 - FOTOS COMO DISPOSITIVO DE ANÁLISE – OFICINA DE FOTOS

A) Subindo e descendo ladeiras



Wanderson – decidimos tirar essa foto pra mostrar a dificuldade que a gente tem às vezes no dia a dia da coleta. Quando tá chovendo aquilo vira um sabão tem que ter cautela se não se acidenta.







As fotos 1 a 4 foram feitas em uma sequência, formam um conjunto.

A equipe decidiu tirar fotos da sequência de ações necessárias neste setor, o subir a ladeira coletar o lixo que está em seu cume e descer até o descarte no cocho do caminhão. Para Jorge, o coletor que aparece na foto, era muito importante mostrá-lo subindo, correndo. A ladeira, para eles, traz a realidade do dia a dia para as fotos.

Essa sequência fotográfica além de ter sido escolhida por eles para compor o mural, também foi pensada por todos antes mesmo da data combinada para os registros fotográficos. No momento em que os convidamos a participar da pesquisa e qual era o propósito das fotos, a equipe imediatamente se mobilizou para juntos, definirem o roteiro de situações e locais de trabalho que, para eles, seria importante mostrar.

É preciso pensar na relação conflituosa entre as possibilidades e impossibilidades de regulação na carga de trabalho, “o desgaste do corpo implicado na gestão da complexidade do trabalho, e as exigências sociais que eventualmente podem entrar em contradição com as necessidades de regulação do corpo.” (Vasconcelos, 2007, p.15). Para Fernandez & Clot (2005) uma das hipóteses é que o

uso excessivo do corpo na atividade levaria a uma diminuição da solicitação, há uma diminuição do uso do corpo para a atividade.

Da perspectiva da ergonomia há a necessidade de analisar os componentes físicos, cognitivos e psíquicos da carga de trabalho bem como os efeitos dessas cargas para a saúde dos trabalhadores (Vasconcelos, 2007). A dimensão física pode ser compreendida pela quantidade e qualidade de esforço físico realizado pelo trabalhador na execução da sua atividade, a cognitiva pelas funções perceptivas e mentais exigidas para a realização da atividade, que fazem parte delas as decisões e microdecisões. Já a dimensão psíquica, está relacionada “com o grau de realização existencial ou sofrimento psíquico a que o trabalhador é submetido, e reflete os componentes psicológicos, tais como desejo, angústia, afetividade, medo, presentes no trabalho ou consequentes dele” (Wisner, 1983, citado por, Vasconcelos, 2007).

No trabalho dos coletores, a carga física é expressa pelo gasto energético ou pelo desgaste muscular devido ao correr, saltar e subir diversas vezes no caminhão, jogar o lixo no cocho do caminhão. Já a parte cognitiva está relacionada com as tomadas de decisões para a realização da tarefa, os coletores de lixo precisam pensar em toda a sequência de seus atos, como subir a ladeira, qual o melhor lado da rua, se estiver chovendo como caminhar com o solo escorregadio. Quando um coletor de lixo “é impedido de desenvolver procedimentos de trabalho diferentes do prescrito ou quando a empresa impõe mudanças de trecho ou equipes a insatisfação se expressa em desgastes psíquicos (Vasconcelos, 2007, p. 16)”. Para a Clínica da Atividade temos aí uma situação de atividade impedida. Pensamos que é a atividade contrariada e não somente o constrangimento vindo de fora que é a fonte das ameaças à saúde no meio profissional.

A discussão dos modos de ação e intervenção sobre o ato em si continua a ser necessária, uma vez que os próprios trabalhadores levantam o problema a partir da ação. As intervenções nos convencem de que o desenvolvimento do poder de agir dos trabalhadores pode influenciar a situação de trabalho e eles próprios através da apropriação subjetiva, ou seja, através do desenvolvimento de suas ações na série de intervenções que conduzimos. Portanto, pode-se dizer que a atividade clínica é inteiramente orientada para a ação, o critério central da eficácia da intervenção é recuperar a iniciativa de seu próprio trabalho pelo grupo de trabalhadores em causa, não sem esforço da sua parte. Como pesquisadores, podemos ajudar esta iniciativa, mas certamente não substituí-lo.

Mas sem dúvida essas fotos juntamente com o tempo de trabalho deles na coleta de lixo nos faz pensar na pergunta que “Existe diferença de solicitação entre operadores de uma mesma tarefa? A experiência permite-lhe executar uma tarefa, reduzindo o nível de stress?” (Clot & Fernandez, 2005, p. 70) como dizer que coletores de lixo que trabalham nesse ofício há 14 anos nunca se lesionaram diferentes daqueles que em menor tempo, como Eduardo, 6 meses de empresa, se afastam por lesões ou acidentes de trabalho.

B) A rua antes e depois do trabalho feito





Bala – O antes e o depois, a rua estava cheia de lixo e agora já limpinha coletada.

Mas esse reconhecer-se em algo é o resultado prático da ação, o serviço prestado que traz o traço da qualidade do trabalho, como dito pelo coletor Antonio Marcos quando expõe a importância de seu trabalho em se manter a cidade limpa, em ver a cidade à frente suja e atrás depois da realização do sua atividade, limpa.

C) A segurança pelos olhos do coletor



Jorge – olha o morador chegando com a sacola de lixo na mão...

Bala – é... E joga por tras do lixeiro

Jorge – às vezes precisa de 3 pra pegar o galão, tem galão que chega a ter mais de 100 quilos.

O coletor da esquerda fez parte da equipe no auxílio quando a rota está com muito lixo e na ausência de Eduardo. Nesta foto eles relataram as situações de risco que envolve a atividades deles. Muitas das vezes o acidente acontece por imprudência de terceiros, como nesse caso onde o contribuinte ia arremessar o saco de lixo para dentro do caminhão com os coletores de costa para ele.



Eles não queriam nos mostrar essa foto por nossa insitência ela ficou para a discussão, mas não foi para o mural.

Wanderson – *porque ali... Ele tá... O pneu tá todo virado pra ele. Ele tá quase dentro do pneu tá entendendo? Então o técnico de segurança tem imaginação fértil ele vai dizer assim “pô maluquinho vai que aquele freio falha e aí... vamo botar que o pneu segura o pé dele ali...”* (risos) *eles tem uma imaginação... Incrível*

Bala- *a gente queria mostrar ele bebendo sem o copo...*



***Bala** – pegar o lixo é com a luva, pra gente pegar o lixo sem a luva é imundices.*

***Wellington** – O boné incomoda dar dor de cabeça.*

***Bala** – O boné irrita, faz calor. Acho que a gente tinha que usar máscara, a empresa fala muito de segurança Epi, será que a gente não tinha que usar máscara?*

***Jorge**- eu já usei na rota que usava a rua tinha muita poeira eu ficava russo os caras falavam vc é preto ou é russo, aí eu usei máscara, mas parecia que eu tava sufocado. Tentei usar essa máscara por causa da poeira, mas eu sufoquei, por causa da poeira, da máscara. O morador viu e tava, perguntando por que eu tava de máscara achando que eu tava doente.*



***Wanderson** – Hoje vendo essa foto tá show de bola né? Tá vendo o coletor lá embaixo da foto? Do lado do coletor do lado direito fica um carro agora me diz como é que passa aí? Cá em cima tem um carro ali na esquina tem que tomar cuidado... Ali que eu bati no carro... o técnico de Segurança perguntou “pô todo dia na via e você dá esse mole? Mas nem todo dia a gente tá...um dia acontece...*

D) Estratégias de coletores e moradores



Wellington – os sacos ficam para o alto por causa dos cachorros, amarrados na grade, então a gente tem que desamarrar um por um, pra não arrebentar.

Bala – qualquer dia eu vou levar uma grade pra casa, porque eu puxo mesmo.

Aqui as situações controversas de trabalho, para um coletor o importante é a realização da tarefa de modo mais apurado, o fato de desamarrar cada saco de lixo, enquanto para o outro coletor essa situação pode fazer com que o atrase e a maneira mais rápida de coletar é puxando.

E) Amigos ou inimigos?

Wanderson – isso foram nossos inimigos (dito em tom de brincadeira) os cachorrinhos, eles espalham todo o lixo...

Wanderson – nossos inimigos aí. Amigos em casa inimigos na coleta.

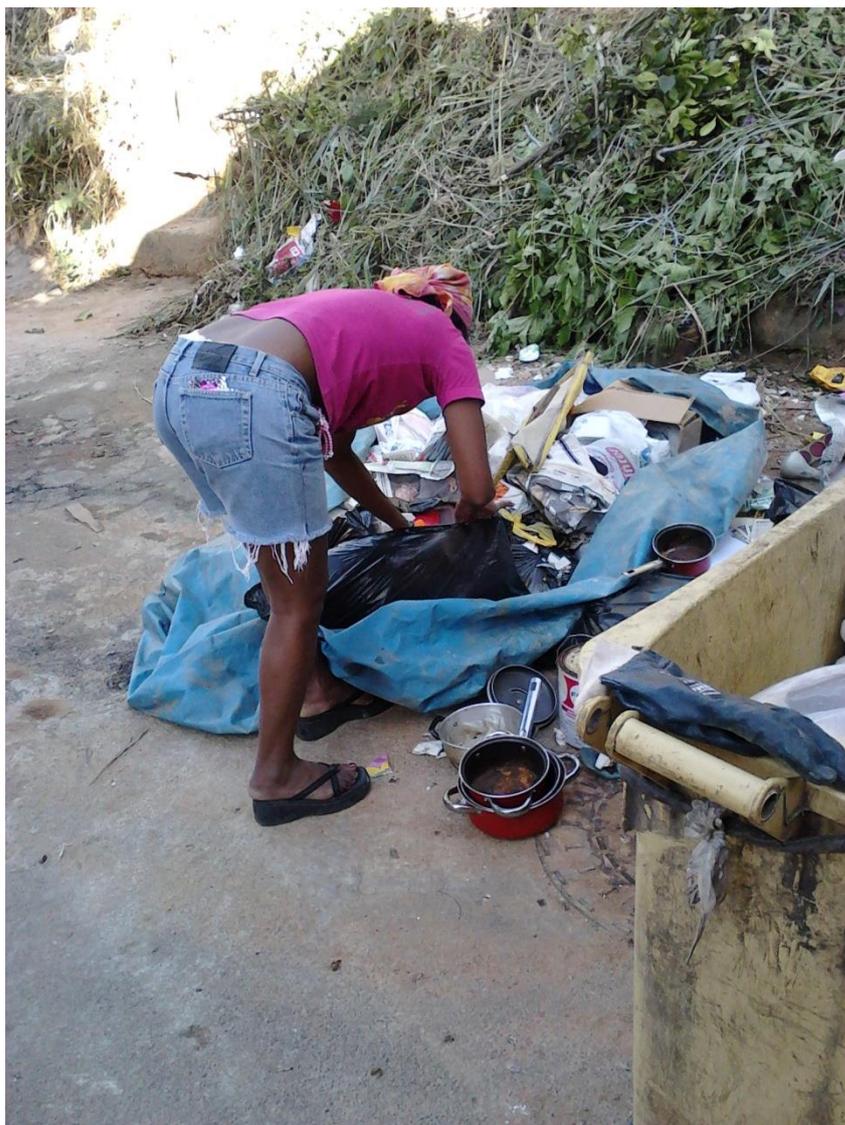
Jorge – esse é amigo de Bala

Bala – esses são meus amigos, eles me seguem na favela, gostam de mim,

Jorge – fui fazer a puxada dele... E veio esse bando de cachorro pra cima de mim...

Pensando que era Bala, porque é ele que brinca com eles.

Bala – o vermelho é lobim, a preta é Samanta... Esse é o nome deles



Wanderson – Quando tem algumas que são desordeiras a gente dá uma bronca, outras catam sem fazer bagunça no lixo, que tem consciência, a gente conversa tal...

Bala – essa senhora tá catando latinha, eu separei uma panela, sai e ela foi lá e pegou ai falei pra ela “assim a senhora quebra a firma” (risos).

Wanderson – pode ver que ela está tendo o cuidado de abrir o saco ali mesmo, em cima da piscina.

Bala – tem pessoas que sobrevivem do lixo...

Jorge – tem um camarada em outra rota que quando o caminhão chega ele já colocou o lixo todo no esquema pro caminhão chegar lá e coletar, ele chega cedinho antes do caminhão.

Bala – É tipo uma mão lava a outra



Bala – *essa é a Tia lá da Palmeiras (comunidade de Niterói). Ela me dá café todos os dias de coleta lá... Ela é show de milhão... Outro dia ela queria que a gente almoçasse lá...*

Jorge – *e a outra tia?*

Bala – *também tirei foto dela... Dá pão, café, água, manteiga...*

Jorge – *há muitos anos ela faz isso (a senhora da foto à direita)... Mais de 30 anos*

A oportunidade de conhecer pessoas, de fazer amizades, de estabelecer trocas e favores com a comunidade, os faz sentir “*orgulhosos*” e “*respeitados*”, assim como importantes. A relação de ajuda, a cooperação entre coletores de lixo e população passa, primeiramente, por uma relação de respeito, de reconhecimento da importância e da necessidade de seu trabalho.

F) “Coleta seletiva”



Wanderson - Essa é o lixeiro levando o potinho... Pra guardar o biscoito. Cismou com a vasilha.

Este lixo produzido pelas pessoas dentro das casas, algo íntimo e revelador, sai deste local, deste espaço privado, para o espaço público, da rua e para as mãos do coletor de lixo. O lixo privado torna-se lixo público, o que era invisível torna-se visível, a partir do manuseio destes conteúdos. “Traz à luz os segredos, os desejos e toda a “sujeira” de seu produtor”. (Santos, 1996)



Bala – Pra mostrar o carrinho vazio e o lixo no chão. Os moradores não tem consciência

Wanderson – Tinha que ter uma placa avisando os moradores, conscientizando eles tipo “Não suje a nossa comunidade”, tipo pra eles mesmos porque pra gente passou ali limpou foi embora, agora eles é que tinham que se conscientizar que ali que eles passam que eles moram, tem os filhos deles que... Entendeu? Por exemplo, jogaram o lixo e tinha vidro o morador fala pra gente “limpa aí direitinho que tem vidro, meu filho passa aí e vai cortar o pé”... Então pra eles são normal daqui a pouco o lixeiro passa aí... Eles chegam de longe e tantam fazer bulica (arremesar de longe) e caí no chão. Esse galão foi à gente que colocou aí, saímos com ele daqui (empresa) ele tava quebrado, saímos daqui, tira galão, batendo lixo, tira galão, batendo o lixo até chegar lá no morro. Antes o lixo ficava no chão

Jorge – Aí já teve galão, mas com o tempo, com o lixo, a corrosão, o galão foi acabando, ele cortava nossa mão, esses de ferro, cortava a luva, aí a gente tinha esses carrinhos sobrando aqui em cima, quebrado, aí nós botamos lá.

Wanderson – coisa que não era pra nós fazer...

Wanderson – Isso aí é tudo galão que a gente bota. Tira de um lado pro outro, tem gente que joga galão fora a gente pega e coloca em outro lugar... Isso é bom pra gente porque chega lá e o lixo não tá no chão.

Aqui eles relatam que esses galões (na foto à esquerda, amarelo e azul), na verdade eram carrinhos. Por não estar em condições de uso à empresa iria descartá-los. Eles pegaram e colocaram na parte de trás do caminhão, chamado cocho, pra

onde o lixo coletado é depositado, dessa maneira a cada ponto de coleta eles tiravam o carrinho de dentro do cocho e recolocavam ao final de cada coleta até o ponto de destino que foi a comunidade acima.

G) Bater o galão



Bala – esse é o famoso bater o galão. Chamado de São Gonçalo.

Bater o galão é a linguagem de ofício, que eles utilizam pra dizer o ato de coletar o lixo de containers, galões, entre outros recipientes. Existe por um lado à prescrição e tarefa, e por outro um sistema de obrigações partilhada pelo meio profissional (Santos 2006). Para que dessa forma se torne um patrimônio coletivo, que se torne de uso comum entre os coletores de lixo. Poderíamos dizer como sendo uma prescrição coletiva, prescrição de origem interna, formulada entre os próprios trabalhadores, obrigações que um coletivo de trabalhadores partilha num determinado momento, seriam as maneiras de realizar a atividade situada no tempo, assumindo um caráter histórico e transitório. Clot (2010) chama isso de gênero profissional. Como ele mesmo descreve no Livro Poder de Agir, tomou de “empréstimo a M. Bakhtine, que havia proposto em outro contexto para refletir sobre atividade linguística” (p. 120). Esse enunciado, como “bater galão”, denunciam os subentendidos que regulam

as relações com objetos e pessoas, tradições adquiridas que se exprimem e se preservam sob o invólucro das palavras (Clot, 2010).

H) Qual o tamanho da lixeira?



Jorge – ali ó, eles jogam de qualquer maneira, coloca uma tauba ali na boca do galão aí o lixo fica em cima e aquela tauba impede que o lixo cai dentro do galão..olha lá aquele lixão...



Eles pediram para colocar essa foto e nós perguntamos qual era a finalidade tivemos essas respostas:

Bala – *Cada um faz uma coisa.*

Wanderson – *Isso aí pra adiantar, um bate a prensa, um vai limpando o chão, o outro limpa lá dentro e o outro vai guardando o galão, e assim vai...*

Podemos ver aqui mais, uma vez a atuação do gênero profissional considerando a atividade comum de trabalho, “parte subentendida da atividade que os trabalhadores conhecem e veem, esperam e reconhecem, o que lhes é comum, o que eles sabem fazer graças a um conjunto de avaliações pressupostas, sem que seja necessário re-especificar a tarefa sempre que ela se apresenta”(Clot 2010).

I) Prática



Wanderson – tá atravessando o lixo de um lado para o outro, passando o lixo pro outro lado pro caminhão só pode ir nesse sentido, da direita aqui, ir embora... num ficar costurando entendeu?

Wellington – é pra gente não ficar pulando de lá pra cá no meio da pista, pode ser perigoso...

Bala – corre o risco dele ser atropelado

Wanderson – botando o caminhão atravessado mita gente tem medo de botar a cara (em relação a outros carros realizarem ultrapassagem), às vezes eu grito de lá (para os coletores) olha o carro aí...

Jorge – Até a gente também quando ve um carro avisa... Olha o carro ae

Wanderson – a firma quer o que que a gente vem de um lado coletando e depois vem do outro lado coletando (a tarefa prescrita é para que a coleta de lixo seja feita de porta em porta). Porém, botar aqui no papel é mole “porque vocês não vão direto rapidinhos e depois do lado de lá e volta” (risos) se fizer isso...

Para eles a realização dessa tarefa prescrita iria atrasar a coleta, devido ao número de rotas que são realizadas por dia.

J) Catacrese – inventivos de trabalho



Bala – está vendo aquele monte de lixo lá? Então puxei dessa rua aí a esquerda. Essa rua é maior dificuldade em coletar, as vezes é tanto lixo que junto nesse poste que é mais pesado e depois quando eu sinto que dá pra mim arrastar, e mesmo assim eu tenho que fazer muita força pra mim arrastar.

Bala – tenho que arrebentar os sacos para conseguir trazer do poste até aí o lixo, levo na piscina ou no plástico. Piscina velha...

Wanderson - os outros joga fora a gente aproveita como ferramenta

Bala – usamos pra conseguir transportar e colocar dentro do caminhão o saco plástico, a gente usa pra fazer a puxada... eu tenho dificuldade no morro de usar o carrinho, então uso a piscina

Wanderson – plástico de sofá

Bala – a piscina fica guardada lá na Palmeira (bairro onde é feita a coleta, da foto)

Wanderson – fica escondido nas caixinhas de bomba pra subir a água do morro...

Jorge – esses plásticos de colchão, ortobom, a gente dobra quadrado e guarda no caminhão, tem um baú no caminhão aí a gente guarda ali.

Bala – na verdade é na caixa de ar, na verdade não pode botar nada ali, se o chefe da oficina ver...

Bala – Taubinha

Wnaderson – outra ferramenta

Bala – no final do turno a gente esconde a taubinha, igual ao plástico, a gente esconde pela empresa, no meio do mato lá fora, porque se alguém achar (risos)... é um troféu. Um prêmio e tanto. Se vira nos 30 ...

Essa criação de uma nova ferramenta não é considerada um simples desvio por parte dos trabalhadores corresponde ao enriquecimento desse objeto, desse pedaço de madeira designado por eles como tábua o que podemos chamar por catacrese. Essa catacrese faz parte do ofício, todos os coletores o tem como parte integrante do trabalho, mais uma ferramenta, que evidentemente não foram prevista para a tarefa, mas que fazem parte da atividade “correspondem, à transformação das suas preocupações em ocupações, em ações, sendo que este é, para Clot, o processo central de desenvolvimento dos sujeitos” (Santos 2006).

L) - O dia a dia de todos nós

No quinto e último dia nos reunimos para preparar o mural que foi exposto na Semana Interna de Prevenção de Acidentes, para isso levamos uma caixa grande e colorida de presente com canetinhas, lápis de cor, giz de cera, cola colorida, tesoura, cola branca, além de papel 40 quilos, jornais e revistas, sem esquecer o café, levamos também um aparelho de som portátil. Eles ficaram receosos quanto ao utilizar os lápis e canetas novos, “*pode abrir professora?*”. Ficaram olhando as fotos e os materiais, precisamos intervir e começar a cortar, abrir, canetas, jornal e a partir daí eles foram pegando a frente da situação. Durante as fotos percebemos que um quinto coletor parecia em algumas fotos e neste dia ele apareceu na sala à procura da equipe foi quando passou a ser solicitado por todos uma vez que ele aparece em algumas fotos.

M) Mural



A realização da Oficina de Fotos durante a jornada de trabalho e no espaço interno da empresa abriu espaço para maiores diálogos entre equipes e superiores diretos (encarregados) sobre as situações de trabalho.

Durante os encontros, os trabalhadores destacaram a importância da continuidade na composição das equipes de trabalho, reforçando suas relações com os moradores, animais, outras pessoas que utilizam o lixo como renda (os catadores de lixo). Uma vez que as equipes são mantidas, as rotas (os bairros e ruas da coleta de lixo) permanecem inalteradas, as equipes atuam no mesmo percurso todos os dias, preservando as relações sociais construídas ao longo da atividade de coleta.

Além disso, para esses trabalhadores, uma vez que suas maiores queixas são de “serem invisíveis”, a utilização do recurso fotográfico não só como mediador das situações de trabalho ou disparador das controvérsias foi também uma forma de visibilidade. O mural criado por eles, com as fotos escolhidas, ficou exposto na empresa durante a II Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho – SIPAT, sendo depois transferido para a sala onde são realizadas as reuniões da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) e demais treinamentos internos.

Podemos dizer que o critério central da eficácia da intervenção é recuperar a iniciativa de seu próprio trabalho pelo grupo de trabalhadores em causa, não sem esforço da sua parte. A intervenção mostra que o desenvolvimento do poder de agir dos trabalhadores pode influenciar a situação de trabalho e a eles próprios, através do desenvolvimento de suas ações. Com a Oficina de Fotos na coleta notamos a ampliação da cooperação entre os trabalhadores de uma mesma equipe, o que contribuiu para a redução dos acidentes de trabalho e dos afastamentos por lesões.

N) Semana Interna de Prevenção de Acidentes 2012



Considerações Finais

Este trabalho iniciou com questionamentos acerca dos sentidos do trabalho para aqueles que exercem o ofício de coletar as sobras, os restos, o excluído. Perguntávamos como essa atividade reverberava para eles. Acompanhando a voz corrente e a literatura lida, supúnhamos que os coletores se veriam como sendo ligados, unidos, associados ao seu objeto de trabalho: o lixo.

Buscamos analisar esse ofício agora, nos dias atuais, em que ele é exercido em caráter legitimado, tirando-o da margem, no contexto das organizações e da política de organização das cidades.

Trata-se hoje de ambientes de trabalho em que políticas de incentivo a promoção da saúde e qualidade de vida são propostas e colocadas em práticas. Muitas vezes trata-se de práticas que levam a individualização dos trabalhadores como sendo responsáveis pela manutenção de uma boa saúde, do seu bem-estar no trabalho. O campo da QVT é um campo de controvérsias, permeável, na forma que podemos dizer a algumas subversões. Algumas práticas de QVT podem estimular a autonomia dos trabalhadores, aumentar seu poder de agir frente ao seu trabalho. A utilização de Programas de Qualidade de Vida, com bases teóricas que valorizam os coletivos de trabalho pode levar a reconstrução de novos modos de ser, de saber e de se redescobrir. Redescobrir esse corpo, como dito antes, carregado de história.

Percebemos que, no ambiente de trabalho, aquilo que torna o trabalhador saudável é sua autonomia na execução da atividade, em relação com um meio cheio de regras impostas pela cidade, pelo contribuinte, pelo morador da favela, pelo trânsito e pela própria empresa. O lidar com os imprevistos da atividade, da atividade exercida na rua, é um imperativo.

No caso do Programa de Ginástica Laboral na coleta de lixo, aqui relatado, o trabalho é realizado com o propósito definido pela empresa contratante - diminuição dos acidentes e lesões - porém o trabalho também é realizado a fim de abrir novas possibilidades, propondo atividades que vão além da prática física e que, de alguma maneira nos fazem refletir quanto as polêmicas sobre os PQVT.

De um lado, o trabalhador sem nenhuma autonomia, não interessa no mundo contemporâneo do trabalho, mas até que ponto o PGL também não está reforçando a disciplinarização, docilidade e submissão? Ainda são perguntas sem respostas, a todo

o momento transito por essas questões durante minha prática profissional. Porém, a minha grande inquietação ao iniciar a pesquisa era pensar nessa atividade que diariamente lida com o lixo, com o insuportável e como era isso para esses trabalhadores. Na realização do primeiro encontro com a equipe diurna, para apresentar a pesquisa e discutirmos o trabalho de coleta de lixo, para todos os trabalhadores envolvidos, a lembrança era de seu primeiro dia de trabalho. A quantidade de lixo, o cheiro, as náuseas causadas ao ter contato com esse objeto. Mas, ao longo dos encontros isso ficou esquecido e passou a ser ressaltada a importância do trabalho em manter a cidade limpa, o reconhecimento do trabalho bem feito.

Parece que esse “incômodo” quanto ao manuseio diário, ao trabalho com o lixo, vem principalmente do meu olhar de fora (por mais perto que seja). Essas inquietações pertencem a mim e não a eles.

E, durante esses oito anos de trabalho com as equipes de coleta de lixo pude compreender a potencialidade que há nesses corpos. Na minha construção profissional sinto a necessidade de aprofundar algumas discussões: quanto ao papel dos Programas de Qualidade de Vida, em especial a Ginástica Laboral no ambiente de trabalho, como as outras atividades que realizo com eles, como atividades em grupo, grupo de teatro. Que efeito produzem essas atividades? Que efeitos produzem nesses trabalhadores? Nas relações com a empresa? Com seu trabalho?

Outras questões surgiram ao longo do estudo: a atividade de coleta de lixo, atividade essa classificada como desgastante fisicamente, como dizer dos coletores de lixo que trabalham nesse ofício há 14 anos sem sofrerem lesões? Enquanto outros, com menor tempo de atividade se afastam por lesões ou acidentes de trabalho? Clot e Fernandez (2005) nos fazem pensar com essa pergunta “Existe diferença de solicitação entre operadores de uma mesma tarefa? A experiência permite-lhe executar uma tarefa, reduzindo o nível de stress?” (p. 70). Essa pergunta coloca em evidência as estratégias adotadas pelos trabalhadores quanto ao uso do corpo na atividade de trabalho.

Com a Oficina de Fotos, pudemos observar o caráter criativo que existe em todo trabalho e trabalhador ao se apropriar de novas ferramentas, ao ver utilidade naquilo que é descartado, excluído, inútil para muitos. As fotos e sua análise mostraram algumas das dificuldades que envolvem o trabalho como, por exemplo, os locais de difícil acesso, a rua e seus habitantes. E sobre a rua, local de variabilidades, meio infiel, ambiente pouco previsível. A rua também exprime a sensação de

liberdade, de local de encontros possíveis com a dona de casa, com a tia do lanche, com os cachorros, enfim com aquilo que muitas vezes é esquecido (ou não visível) pelo outro.

Com a co-análise das fotos, ou seja, da atividade, torna-se patente a importância da manutenção das equipes de trabalho como continuidade da família, companheiro, colega de atividade e de ofício no desenvolvimento de recursos para a ação.

Para esses trabalhadores, uma vez que suas maiores queixas são de “serem invisíveis”, a utilização do recurso fotográfico se mostrou especialmente adequado. As fotos permitiram ampliar as visibilidades.

BIBLIOGRAFIA

AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR. Manual Técnico Promoção da Saúde e Prevenção de Riscos e Doenças na Saúde Suplementar. 2ª Edição. Rio de Janeiro, 2007, 168 p.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora Unicamp; 1995. 155 p.

_____. Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999. 285 p.

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. Obras Escolhidas III. São Paulo, Brasiliense. 1989, p.

CAÑETE, Ingrid. Humanização: desafio da empresa moderna; a ginástica laboral como caminho. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1996.

CLOT, Y. & FERNADEZ, G. Analyze phsycologique Du mouvement: apport à la comprehension des TMS. Activités revue électronique. @ctivités, 2005, volume 2, número2, 69-78p. <http://www.activites.org/v2n2/fernandez.pdf> 2005.

_____ *Trabalho e Poder de Agir*. Belo Horizonte. Fabrefactun, 2010.

CORBIN, Alain. Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII E XIX. Tradução por Lígia Watanabe. São Paulo: Companhia Das Letras, 1987. Tradução de Le miasme et la jonquille lódorant et l'imaginaire social XVIIIIXIX siècles.

DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, São Paulo: Círculo do Livro, 2º vol.

FIGUEIREDO, Fabiana. MONT` ALVÃO, Claudia. Ginástica Laboral e Ergonomia. Rio de Janeiro. Sprint 2005.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 11 ed. Tradução por Roberto Machado, Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____ Vigiar e Punir. 30 ed. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2207

JUNCA, Denise. & Gonçalves, Veronica. 2000. A mão que obra no lixo. Niterói: Editora UFF. 121 p.

HÖSEL, Gottfriede. Our waste of all time: a cultural history the Städtereinigung 2nd enlarged edition, 1990, municipal journals publisher J. Jehle, München GmbH.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL - IBAM. Cartilha de Limpeza Urbana. Rio de Janeiro, 2005, 81p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Demográfico 2010. Aglomerados subnormais. Rio de Janeiro, RJ, 2010, 259 p.

LACAZ, Francisco. Qualidade de vida n(d)o trabalho: um conceito político e polissêmico. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 3, p. 565-572, nov.2009/fev.2010

LATOUR, Bruno. In: Nunes, J. A. E roque, R. (orgs). Objetos impuros. Experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2007, pp. 40-61.

LIMA, Valquíria. Ginástica Laboral: atividade física no ambiente de trabalho. 3ª Ed. São Paulo: Phorte, 2007.

_____ Efeitos de um programa de exercícios físicos no local de trabalho sobre a flexibilidade e percepção de dor musculoesquelética entre trabalhadores de escritório. Dissertação (Mestrado em medicina) - Universidade de São Paulo, SP, 2009.

MARTINS, Dora. Revisão de Literatura: Abordagem Sócio-Técnica. Novembro de 2006.

MACEDO, Joaquim. Memórias da rua do ouvidor. 1952. Rio de Janeiro. Editora UNB. 164 p.

MENDES, Ricardo.; LEITE, Neiva. Ginástica Laboral: princípios e aplicações práticas. Barueri, SP: Manole, 2004.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento: diagnóstico do manejo de resíduos sólidos urbanos – 2010. – Brasília: MCIDADES.SNSA, 2012.

NITERÓI. Plano Municipal de Resíduos Sólidos de Niterói. Niterói, Rio de Janeiro, Julho de 2012.

PORTOCARRERO, Vera. *As ciências da vida de Canguilhem a Foucault*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Carta de Ottawa. Canadá, 1986.

ORTSMAN, Oscar. Mudar o trabalho: as experiências, os métodos, as condições de experimentação social. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian 1978. VII, 410 p

OSÓRIO, Claudia. Trabalho e perspectivas clínicas. In: XI Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia Clínica. 2007 Belo Horizonte, MG.

_____ & MAIA, M. Fotografias. Co-Produzidas da Situação de Trabalho: imagens em ato da atividade em saúde. Porto Alegre, v.13, n.2, jul./dez. 2010.

PADILHA, Walquiria. Qualidade de vida no trabalho num cenário de precarização: a panaceia delirante. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 3, p. 549-563, nov.2009/fev.2010.

PEDROSO, Bruno.; PILATTI, Luis. Notas sobre o modelo de qualidade de vida no trabalho de Walton: uma revisão literária. *Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas*, v. 7, n. 3, p. 29 -43 set./dez. 2009.

PORTILHO, Maria de Fátima. Profissionais do lixo: um estudo sobre as representações sociais de engenheiros, garis e catadores. Dissertação de mestrado. Programa EICOS, UFRJ. Rio de Janeiro, 1997.

RABARDEL, Pierre. *Le langage comme instrument? Éléments pour une théorie instrumentale élargie. Avec Vygotski*. 1. Ed. Paris: La Dispute, 1999, p.240-265.

RAMIREZ, Paulo. A Revolução Vagabunda: Baudelaire, Walter Benjamin e o fim da história. *Ponto e vírgula* 8. 242-260, 2010

REVISTA CONFEF

http://www.confef.org.br/RevistasWeb/n13/02_ginastica_labora.

ROBAZZI, Maria Lucia. Contribuição ao Estudo sobre Coletores de Lixo: Acidentes de Trabalho Ocorridos em Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, no Período de 1986 a 1988. Tese de Doutorado, Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. 1991.

RODRIGUES, José Carlos. *Higiene e Ilusão*. Rio de Janeiro: Nau 1995

_____ *O corpo na história* - Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 1999

RUIZ, Rodriguez. *Higienismo, Educación Ambiental y Previsión Escolar*. Antecedentes. Publ. Universitat de Valencia. 1999 p. 275

SANTOS, Martha. Análise psicológica do trabalho: dos conceitos aos métodos. *Laboreal*. Volumen II nº1, 2006, pp. 34-41.

SANTOS, Tereza. Coletores de lixo: a ambiguidade do trabalho na rua. Dissertação de mestrado. PUC - São Paulo, 1996.

SILVA, Telma. Qualidade de vida e políticas públicas: saúde, lazer e atividade física. Campinas, SP: IPES, 2004, p.133-155.

SOUZA, Andrea. "Tigres" Tristes operários do labor imundo. Dissertação de mestrado. UFF - Rio de Janeiro. 2007.

SATO, Leny. Olhar, ser olhado e olhar-se: notas sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia social do trabalho. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2009, vol. 12, n. 2, pp. 217-225.

VASCONCELOS, Renata. A gestão da complexidade do trabalho do coletor de lixo e a economia do corpo. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação do Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2007. 250p.

VIEIRA, Marcos. & FAITA, Daniel. Quando os outros olham outros de si mesmo: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação. Polifonia. Cuiabá. EDUFMT n° 07 p. 27-65 2003

VIGARELLO, Georges. Le sain ET Le mailsain: Santé et mieux-être depuis le Moyen Age. Èd. Seuil. 1983, p. 170-171. www.persee.fr/web/revues/home/prescript/articles

VELOSO, Marta. Valadares, J. Santos, E. A coleta de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro: um estudo de caso baseado na percepção do trabalhador. Ciência & Saúde Coletiva, 1998.

_____ Os restos na história: percepções sobre resíduos. Ciência & Saúde Coletiva, 13(6): 1953-1964 2008.

_____ Criatividade e Resíduos Resultantes da Atividade Humana: da produção do lixo à nomeação do resto. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública – Curso de Doutorado – da Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz – RJ. 2004.

XAVIER, Mariana. A Cicatriz Ética da Cidade: disposição final de lixo em Niterói.
CCJE/IPPUR
Rio de Janeiro. 2007.

ZILLI, Cyntia. Manual de cinesioterapia/ginástica laboral: uma tarefa multidisciplinar
com ação multiprofissional. São Paulo: Lovise, 2002.

<http://washingtoncandido.wordpress.com/2011/02/25/mundializacao-do-capitalismo/>

ANEXO 1 – Criação dos dados





ANEXO 2 - Percepção



A arte de perceber



Pra você, o que é **PERCEBER??**

